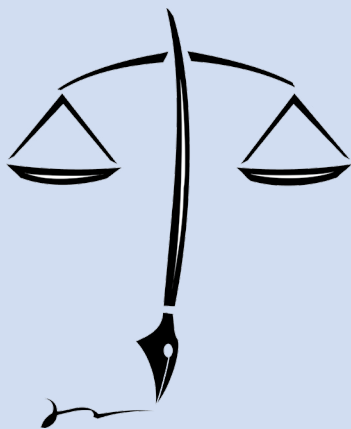




Contos, Crônicas & Poesias

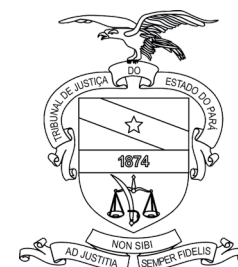
1º Concurso Literário do TJPA





Contos, Crônicas & Poesias

1º Concurso Literário do TJPA



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P221 Pará. Tribunal de Justiça do Estado

Contos, crônicas & poesias: 1º concurso literário do TJPA/ Tribunal de Justiça do

Estado do Pará; Organização de: [PatriciaBacellar Saraiva, NadimeDahas, Saulo

Sisnando] . - Belém:TJPA,2017.

136p.

ISBN: 978-85-63646-10-1

1. Contos brasileiros - Pará. 2. Crônicas brasileiras - Pará. 3. Poesia brasileira - Pará.I.

Saraiva, PatriciaBacellar. II. Dahas, Nadime. III. Sisnando, Saulo. IV. Título.

CDD: 869.38115

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-63646-10-1



COMISSÃO ORGANIZADORA
DO 1º CONCURSO LITERÁRIO DO TJPA

PORTARIA Nº 3015/2017-GP

Patricia Bacellar Lopes Saraiva

Secretária de Gestão de Pessoas, presidente da Comissão

Nadime Sassim Dahas

Coordenadora de Cerimonial

Saulo Alexandre Picanço Sisnando

Analista judiciário, secretário da Comissão

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO PARÁ

Des. **Ricardo Ferreira Nunes**

PRESIDENTE DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO

Des. **Leonardo de Noronha Tavares**

VICE-PRESIDENTE DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO

Des. **José Maria Teixeira do Rosário**

CORREGEDOR DA REGIÃO METROPOLITANA

Des^a. **Vania Valente do Couto Fortes Bitar Cunha**

CORREGEDORA DO INTERIOR

Literatura é um meio de reflexão essencial à Justiça

De Altamira, no Xingu, a Bonito, no Guamá; de Santarém, no Tapajós, a Belém, no rio Pará; de Barcarena, no Baixo Tocantins, a Paragominas, no rio Capim; de ponta a ponta, a realidade e o fantástico das várias regiões do Pará desaguaram no primeiro Concurso Literário do TJPA e no livro “Contos, Crônicas & Poemas”, que ora entregamos ao deleite da boa leitura.

Foi do Marajó, de Dalcídio Jurandir, que o drama da exploração sexual de crianças e adolescentes tomou o caminho da literatura para amplificar essa inquietante denúncia. Junto a outros temas candentes, tanto na região metropolitana da capital, quanto no profundo interior – o poder econômico que oprime, o político que avaliza, a violência que mata etc –, o livro vai da crueza da realidade ao lirismo da poesia. E isso na forma de boa literatura, com grandes histórias, versos que em momento algum resvalam para a banalização moralista ou panfletária.

O fato é que estamos todos de parabéns, os vencedores de cada categoria, os selecionados e os que, infelizmente, não foram classificados desta vez. Persistam!

Este concurso e a publicação do seu resultado são uma evidência do compromisso dos quadros do Judiciário com uma sociedade mais justa e mais humana. E a literatura é um meio de reflexão essencial a apontar caminhos para atingirmos esse objetivo.

Des. Ricardo Ferreira Nunes

Presidente do Tribunal de Justiça do Pará



PREMIADOS



CONTOS

1º LUGAR

“O RIO QUE NOS LEVA”

Pedro Augusto Dias Baía

Comarca de Barcarena

“O que é o futuro?”, foi a pergunta mais difícil que ouvi na vida. A voz balançava ao ritmo da canoa. A primeira vez que Maria Esperança perguntou, tínhamos oito anos de idade. Somos gêmeos. Eu remava a canoa na direção da “visagem de ferro”. Desde os seis anos que aquela era a minha função.

Antes de tudo aquilo começar, costumávamos sentar na ponte de madeira para ver a imensa bola pintada de urucum, descendo lentamente no horizonte, tocando a água do rio, pedindo licença para se recolher. Durante aqueles segundos, o rio corria sereno, calmo, na espera de se tornar prateado pela luz da lua. Ouvíamos a revoada dos pássaros, e víamos a chegada farfalhante dos macaquinhos de cheiro. O canto dos sabiás procurando os ninhos à beira do igapó embalava a exibição dos botos tucuxi.

Mas a visagem de ferro chegou e engoliu a lua na baía. Desbotou o dia, assombrou o entardecer e deixou a noite mais longa. Minha irmã costumava dizer que a imensa estrutura retangular da balsa, parecia o Mapinguari, deitado de costas no rio. A cabeça era o barco empurrador, com um grande olho no topo: o refletor. Mais abaixo, sobre o corpo estendido, a bocarra atravessava de uma ponta a outra. A silhueta das boleias dos caminhões ou os contêineres que a balsa carregava parecia os dentes da fera, amontoados sobre o ferro cinzento e seco.

Quando chegávamos às proximidades, os tripulantes jogavam

um pneu preso em uma corda. Maria Esperança tinha uma estatura tão pequenina, que cabia inteira dentro. Em casa, ela era chamada de Raminha. De tão magra, o vento a balançava de um lado para o outro, dentro daquele vestidinho de pano. Com aquele peso, ela conseguia ficar em pé sobre a imensa folha de aguapé-assu¹, sem afundar na água. O meu apelido era “Potoca”, pois diziam que eu costumava contar muita mentira, “causo”.

Eu não via o rosto daqueles homens que a içavam para dentro. Algumas vezes, apenas as vozes, quando eles gritavam: “Sobe, Maria!”. Quando Raminha desaparecia na penumbra da visagem de ferro, eu permanecia na bifurcação de terra mais próxima da baía. Ali, eu amarrava a canoa em um tronco de árvore, e esperava pelo apito. Sinal de que o “serviço” terminara, e eu deveria buscá-la novamente.

Durante as horas de espera, quando eu conseguia tirar uma soneca, era muito bom. Porque no retorno, precisava-se de mais atenção. Os tripulantes na balsa nunca esperavam as meninas chegarem à altura da água, e logo começavam a balançar a corda fortemente, para que elas saltassem de dentro dos pneus para dentro da canoa. Quase ao mesmo tempo, eles jogavam o galão de gasolina, ou algum outro embrulho com comida. Era o pagamento pelos “serviços”. A canoa balançava muito, e com sono, quase dormindo, Raminha dificilmente me ajudava no equilíbrio da embarcação. Uma vez eles jogaram brinquedos na água. Mas meu pai vendeu tudo na feira da cidade.

Nós nunca éramos os primeiros ou os últimos. Outras meninas, de diversas idades, também eram “levadas” até a boca do

Mapinguari. Entre um cochilo e outro durante as horas da madrugada, não era incomum o encontro de canoas e barqueiros na parte escura da bifurcação. Foi assim que eu conheci o João. Ele me apresentou um pó branco, dizendo: “Isso vai passar tua camoeça”. João contou-me que conseguia o produto com um homem na balsa.

Durante aquela espera, o ruído do meu estômago reclamando por fome era abafado pelo coaxar dos sapos-curucu. Eram dezenas boiando às margens do rio, afoitos para devorar os vaga-lumes desavisados. Quando se cresce por ali, a gente aprende a identificar um igarapé através do cheiro. E a distinguir os ruídos na mata: o cair do açaí “pronto pra amassar”; a mucura farfalhando nas copas, devorando o miriti; o choro angustiado da preguiça; o pio da Matinta Perera pedindo tabaco.

Havia um igarapé não muito longe daquela bifurcação. Algumas flores da aguapé-assu se desprendiam da água parada e vinham passear até a beirada do rio. O perfume adocicado de suas flores, ora brancas, ora róseas, anunciavam as diferentes fases de sua curta existência.

Uma noite, enquanto eu aguardava o retorno de Raminha, retirei da água uma flor da aguapé-assu. As pétalas brancas, fechadas, mantinham-se silenciosas, sem saber que em breve os besouros chegariam. Ao retirá-la da água, a flor trouxe consigo uma imensa haste verde que estava submersa. Diminuí o tamanho da haste. Depois uni as pontas com um nó. Formou-se um cordão, com a flor pendendo no centro.

Quando retornei à balsa para buscar Raminha, dei a ela o cordão. Ela forçou um sorriso, colocou no pescoço e agradeceu. Manteve a flor na mãozinha, e fungou-a, como se buscasse algum tipo de encantamento. Em retribuição, deu-me de presente

¹ *Vitória-régia.*

um pequeno embrulho quadrado. Explicou que era chocolate. “Lá das bandas de onde cai areia branca do céu”. Pagamento de um tripulante da balsa.

Ao longo dos anos, o retorno para casa tornou-se mais cauteloso. Raminha descia da visagem de ferro quase sempre alcoolizada. Eu precisava segurá-la, para ela não desmaiar sobre a água. Ou então a deitava no fundo da canoa. Algumas vezes eu a vesti com a minha própria roupa. Foram muitas as madrugadas em que eles a devolveram despida. Ela caía na água, embriagada. Eu pulava em seguida, para socorrê-la.

No meio daquele desalento e dor, ela sempre pedia pelo cordão da flor de aguapé-assu. Algumas noites, o pó branco e o cansaço fizeram-me esquecer. Mas quando lembrava, eu improvisava um cordão novo durante a espera. Sabia que ao colocá-lo naquele “pescocinho” fino, Raminha ficaria serena no retorno para casa. Esperança.

“*O que é o futuro?*”. É estranho alguém pedir uma definição, sendo criança. Com aquela idade, o futuro eram as coisas que eu imaginava sobre minha vida quando eu me tornasse adulto. Não sei se ainda irão acontecer.

Naquela época, eu planejava um dia ser Juíz. Em nosso aniversário de 13 anos, todo mundo na escola começou a me apelidar de “estatuto”. A professora fizera uma palestra sobre um livrinho chamado Estatuto da Criança e do Adolescente. Todos os colegas descobriram que eu e Raminha havíamos nascido no mesmo dia do estatuto: 13 de Julho de 1990. Mas ela estivera ausente naquela aula. Cansada por causa do “serviço” durante a madrugada. A professora pediu para a turma montar uma encenação. Havia vários personagens, entre os quais, o Juíz. Eu queria muito ser ele. Mas fui escolhido para ser o “estatuto”, pelo motivo

óbvio. Durante a encenação, permaneci segurando uma cartolina cheia de palavras com letras maiúsculas. Eu não podia falar.

E assim, quando eu pensava no futuro, via-me como um Juíz. Não sei se isto ainda será possível. Agora estou com 27 anos. Ajudo meu pai na venda de castanha, em uma barraca no final da imensa ponte viária que cruza o rio. Ele quase nunca volta pra dormir em casa. Fica no bar, um pouco mais adiante. Às vezes eu o busco no outro dia, e faço-o tomar banho no rio pra tirar o cheiro de cachaça. Quando ele recobre a consciência, a gente briga. Ele acha que eu fico com o dinheiro. Mas o que a gente consegue em um dia, quase nunca paga os dez copos de cachaça da noite.

– Raminha, tu ainda tá matutando o que é o futuro? – eu perguntei uma vez, quando tínhamos quatorze anos.

Raminha pensou um pouco. E então explicou, com a voz assombrada pela aproximação da visagem enferrujada.

– Quando eu entrego o dinheiro pro papai, ele diz pra eu não ficar triste, que isso é pro nosso futuro... O dinheiro, a gasolina...

Gasolina. Como algo que não se mistura com água atravessa o nosso passado, presente e futuro?

Raminha não estava mais suportando aquilo tudo. Queria chorar. As últimas lágrimas que eu vira em seu rosto fora aos cinco anos, quando a peconha rasgou e ela caiu da metade do tronco do açaizeiro. Depois, foi sempre vergonha e tristeza.

– Então... o que é esse ‘tar’ de futuro? – ela insistia. – Vai demorar muito pra chegar?

Lembrei das aulas de verbos. Mas ela não iria compreender. Desde que começara a ir trabalhar nas balsas, frequentava pouco a escola. A professora dizia que Raminha havia “emburrado”. Sentia muito sono e tristeza. E queixava-se de uma

forte dor de cabeça. Depois do almoço, quando era suposto ela fazer o dever de casa, quase sempre dormia, e acordava próximo do entardecer.

Eu precisava aproveitar aqueles raros momentos de conversa com ela. Antes das vozes gritarem: “Sobe, Maria!”. Então tentei explicar:

– Espia essa canoa onde nós ‘ta’... – comecei a dizer, inseguro.

Raminha estava de costas para mim, na ponta da canoa. Olhava para o horizonte semi-iluminado pelo olho do Mapinguari, ainda aceso. No pescoço, um cordão com pétalas brancas.

– Isso aqui... parece é o presente. – continuei. – É o que ‘tá’ acontecendo agora. Onde nós ‘tá’. ‘Somo’ o presente.

– E o passado? – ela quis saber.

Eu pensei.

– O passado foi o que ficou lá na ilha, eu acho. – respondi, relutante.

Ela olhou para trás, através de mim, procurando avistar a ilha onde morávamos. Depois se voltou novamente para o horizonte. Estávamos mais próximos da balsa. Vi a sombra de um homem aproximar-se do imenso refletor. O olho do Mapinguari fechou-se. Era o ritual. A escuridão tomou conta de tudo. A Mãe D’Água não poderia testemunhar o segredo.

– Então a visagem ali na ‘ilharga’ da baía, parece é o futuro? – Raminha perguntou. Estava com medo.

Eu parei de remar. A água farfalhando embaixo de nós. A escuridão ao nosso redor. Não havia lua. À nossa frente, como que interrompendo o curso do rio, apenas a silhueta daquela imensa estrutura de ferro flutuante.

– Tu ‘qué’ ‘vortar’, Raminha? – Eu perguntei. – Se quiser,

digo pro papai que eles não jogaram o pneu. Aí a gente ‘vorta’.

– A última vez que a gente contou ‘potoca’, tu levou surra de vassoura de açai... – ela lembrou. Permaneci calado, lembrando o ardido na costa. Ela continuou: – E como a gente vai ter gasolina pro papai pegar os remédios da mamãe lá na cidade? – ela perguntou. – Paresque que tu num pensa na mamãe! – dessa vez ela me olhou diretamente, e eu vi que chorava. – Agora tem o bebê da Sebastiana também...

Os adultos pensam que as crianças não têm responsabilidades. Naquela idade, eu e Raminha achávamos que éramos responsáveis por muita coisa em casa. Se não cumpríssemos a nossa tarefa, não teríamos a gasolina. E sem gasolina, ficaria difícil conseguir dinheiro, comida e transporte.

– Sobe, Maria! – os homens gritaram da bocarra do Mapinguari.

Antes de subir, Raminha olhou-me e retirou do pescoço mais um cordão, dos muitos que eu fizera para ela ao longo daqueles anos. Pendiam pétalas róseas, desabrochadas. A segunda parte da existência da flor de aguapé-assu, visitada pelos besouros.

Antes de devolver-me, Raminha trago o perfume. Seus olhos amendoados e estreitos ganharam um pouco de vida e imediatamente as lágrimas secaram, mas depois se tornaram entristecidos novamente. Os lábios graúdos, mas pálidos, estavam trêmulos. Ela queria falar.

Raminha continuava com a mesma compleição física, mas havia completado 15 anos, e já conseguia escalar sozinha a visagem de ferro. Os seios fartos de leite. Seu primeiro bebê estava dormindo no colo da avó, lá em casa. Era o meu quarto sobrinho. Os outros três filhos de Sebastiana também ficavam em casa,

enquanto a mãe passava semanas ou meses fazendo serviço em um posto que abastecia os caminhões, próximo à finalização da construção da ponte viária.

– Tu sabe de uma coisa, Potoca? – ela me perguntou, aos quinze. – O futuro nunca foi isso aqui. O futuro é a coisa mais fácil de ‘matutar’, tu sabia disso? ‘Nós’ pode inventar ele. Sabe esses ‘peixinho’ que dão na ilhargá do rio? E a gente tenta pegar e não consegue? Isso é o futuro pra mim. A gente só vê eles muito rápido. Depois eles ‘some’. É difícil pegar. Eu acho que o futuro cresce bem longe da gente... Mas é bom pensar no futuro. Ele sempre me distraiu...

E se fosse apenas o rio nos levando até aquela balsa? Minha culpa nunca diminuiu. Diluiu-se. Tornou-se parte de tudo. O que Raminha desejou para o seu futuro? Eu não vivi o que ela viveu dentro daquela balsa, desde os seis anos de idade. Se ao invés dela, fosse eu na visagem de ferro, noite após noite? A correnteza parece ser diferente se és menino ou menina.

Antes de completar 18 anos, ela conheceu um motorista do sul do Brasil. Ele pilotava um caminhão de gados que estivera sendo transportado dentro de uma das inúmeras balsas que por ali passaram. Além de dar a ela muitos litros de gasolina, ele também deixou cem reais. Foram dias de fartura em nossa casa. Foi também quando ela partiu. Mais ou menos cerca de um mês depois, ao acordarmos, encontramos a criança sozinha, na rede coberta pelo mosquiteiro.

Sebastiana nos contou ter visto nossa irmã subir na boléia de um caminhão no posto de gasolina. Mas não tinha certeza. Estava trôpega no acostamento.

Refiz o provável caminho de Raminha por várias noites seguidas. Ela caminhara pela floresta até o outro lado da Ilha.

Depois entrou em uma canoa e, sozinha, remou até a beira da estrada mais próxima. A fronteira entre dois municípios. Daquele ponto em diante, caminhara mais uns seis quilômetros até uma grande ponte viária, onde o tráfego de caminhões interestaduais era intenso na madrugada. Em uma década, ali seria a integração entre o Norte e Sul do país. A promessa de progresso. O lugar também onde meu pai e eu vendemos castanha.

Alguns anos depois da partida de Raminha, a energia elétrica chegou à ilha. Os elefantes brancos² pisotearam as árvores. Eu aprendi a identificar a aproximação de carros pequenos ou grandes na estrada. Às vezes recolho alguns macaquinhos de cheiro, esmagados pelas imensas rodas dos caminhões empoeirados. Um dia o rio se tornou branco por alguns meses. Os peixes morreram. Ficou difícil avistar a revoada dos pássaros no horizonte esfumado.

Quando os nossos sonhos não se realizam, eles se tornam o quê? Em sala de aula, eu não fui Juiz. Na vida, eu não era o estatuto. Maria Esperança tornou-se o quê? Às vezes a correnteza é forte demais, e não conseguimos nadar na outra direção. Quando tínhamos aquela idade, eu não saberia dizer qual a dimensão do futuro que minha irmã imaginava. Mas por ter-me perguntado naquela noite, acredito que assim como eu, ela costumava pensar sobre isso, enquanto o rio nos levava.

Às vezes eu fico matutando se ela foi embora com algum cordão de aguapé-assu no pescoço. Pétala branca ou rosa?

Ainda tenho futuros imaginados. Mas tudo continua muito

¹ Termo utilizado para se referir às grandes torres de energia elétrica que cruzam algumas áreas florestais.

diluído. Tudo continua sendo levado... Maria. Infância. Gasolina.
Justiça. Energia elétrica. Sonhos. Floresta. Comida. Dinheiro. Casa.
Vergonha. Medo. Família. Educação. Violência. Esperança...

2º LUGAR

MISSA DAS SEIS

Erick José Silva de Souza

Comarca de Paragominas

Quando o delegado Jonas chegou, uma multidão de fiéis e transeuntes se acotovelava na frente da Igreja Matriz. Uma miríade de olhares fixos e perplexos, tomados de assalto por um estupor matinal. O padre Augusto, com profundo e desapontado pesar, teve que cancelar a missa em pleno Dia do Senhor. Aquela seria a primeira missa do primeiro domingo do ano. Somente algo muito sério para ensejar o cancelamento de uma cerimônia tão importante para os praticantes fervorosos do catolicismo.

Duas beatas, ao aproximarem-se da escadaria da igreja, ambas guiadas pelas mãos da curiosidade, iniciaram uma disputa de sinais-da-cruz.

– Jesus! - disse uma delas, fazendo o sinal-da-cruz pela quarta vez.

– Pela virgem mãe! - exasperou a outra beata. O seu já era o quinto sinal-da-cruz.

Enquanto isso, o delegado Jonas singrava entre a multidão de curiosos.

– Abram! Abram! - disse ele, algumas veias se expandiram na base de seu pescoço. - Preciso fazer meu trabalho, minha gente!

Depois de se aventurar no meio da aglomeração humana, ele finalmente viu o cadáver, encontrado há cerca de uma hora por um coroinha que chegara cedo para abrir as portas da

igreja. Pelas feições que permitiam análise, dava para sugerir que se tratava de um homem na casa dos quarenta e poucos anos. Vestia traje esporte-fino. As lapelas de sua blusa branca encharcadas de sangue. Ninguém estava apto a identificar o corpo. Pelo menos por enquanto. O sujeito havia sido decapitado e sabe-se Deus onde estaria a sua cabeça.

Um horror se apossara dos fiéis e transeuntes naquele local. Nunca um crime de proporções tão brutais como este fora cometido em Rica Floresta. A cidade tinha a fama de ter um dos menores índices de homicídios de todo o Brasil. Porém, como diz o velho ditado, “nem tudo são flores”. Rica Floresta ostentava um dos maiores índices de corrupção do país. Um paradoxo difícil de ser compreendido. O delegado Jonas era uma das poucas pessoas a falar abertamente sobre o esquema de corrupção na cidade. E, mesmo sendo uma autoridade de grande prestígio, muitos diziam que não tardaria para que ele amanhecesse com a boca cheia de formigas. Jonas declarara, em uma entrevista, que dera a uma emissora de televisão local, que faria de tudo para pôr fim àquele ninho de *sanguessugas do erário*. Esse fora o nome que o delegado dera a quadrilha que se instaurara no poder público de Rica Floresta. Na famigerada entrevista, ele não economizara farpas aos vereadores, secretários, assessores e prefeito. Este último, sem sombra de dúvidas, recebera as maiores críticas.

– Isolem o local – pediu o delegado Jonas aos policiais sob seu comando. – Temos que preservar a cena do crime até a perícia criminal chegar de Belém – ele deu uma boa encarada nas pessoas curiosas ao seu redor. – O padre Augusto cancelou a missa, pessoal! Por que não voltam para as suas casas ou simplesmente deem espaço para que a polícia possa trabalhar direito?

As pessoas se afastaram das escadarias. Mas, mesmo assim, continuavam na frente da igreja.

Apesar de muito cedo da manhã, a notícia se espalhara como fogo em palha. E muita gente que havia ido à missa das seis, agora estava com o celular no ouvido, tranquilizando familiares na outra linha.

De repente, um som alto e enjoativo de campainha ecoou, vindo de uma direção improvável. Mesmo em meio ao falatório dos curiosos, agora afastados a dez metros da cena do crime, Jonas percebeu aquele som. E deixou que fosse guiado pelas ondas sonoras. O barulho de campainha lhe atraiu para junto do corpo decapitado.

– Dê-me uma luva – pediu o delegado a um dos policiais que lhe acompanhava. Calçou o acessório para não interferir na preservação do corpo e da cena do crime.

Jonas enfiou a mão direita, protegida com a luva, no bolso do sujeito. Retirou de lá um celular moderno com tela *touchscreen*. Ele observou atentamente de quem era a chamada. Na tela, aparecia quem estava ligando para o celular do cadáver. O contato estava nomeado apenas como MEU AMOR, em letras maiúsculas. Ele reconheceu a imagem na tela. A elegantíssima imagem da primeira dama do município.

O delegado Jonas já investigava o prefeito há um bom tempo, a respeito do seu envolvimento na corrupção dentro do poder executivo. Em seu dossiê, constavam muitas informações detalhadas sobre a vida do gestor da cidade, inclusive que ele não perdia por nada nesse mundo as missas das seis, aos domingos. A primeira dama devia ter ouvido falar sobre o ocorrido na Igreja Matriz e ligou para saber como estava o seu marido. “Perdeu a cabeça.” Essa poderia ser a resposta de

Jonas, caso resolvesse atender ao telefone. Mas ele preferiu colocar o aparelho novamente no bolso do cadáver.

Com um semblante frio e inexpressivo, o delegado descalçou a luva da mão direita e a entregou ao mesmo policial que a providenciara. Depois subiu os lances da escadaria, indo em direção à entrada da igreja. Lá dentro, todos os bancos estavam vazios.

Jonas escolheu um assento no primeiro banco ao seu alcance. Em seguida, olhou na direção do altar. Um olhar penetrado que durou pouco mais que dez segundos. Seus pensamentos vojavam sobre superfícies intrigantes, divagando a respeito da identidade incógnita do assassino do prefeito. Levou a mão direita na direção da testa. Aquele simples gesto não permitia saber se estava pedindo ou agradecendo. Ele fora mais econômico do que as duas beatas haviam sido, ainda mais cedo.

Apenas *um* sinal-da-cruz.

3º LUGAR

LADY MARAJÓ

Luis Marcelo de Araújo Pedroso

Comarca de Belém

– Vocês conhecem a região do arquipélago do Marajó? É muito linda! Tão linda quanto uma viagem ao misterioso mundo amazônico pode ser. Também tem seu lado feio. Tem muita miséria, muita exploração de todos os tipos. Exploração de madeira, exploração sexual, tráfico de drogas, etc. – dizia o venerável religioso a uma comitiva de Direitos Humanos que visitava a cidade de Afuá, onde estavam reunidos, investigando casos de exploração infantil.

– Padre, estamos fazendo o levantamento dos casos que acontecem aqui e que o senhor tenha tido conhecimento e registros. – interpelou um dos jovens da comitiva.

– Casos há as centenas meu jovem. Vou contar-lhes um, apenas um dentre tantos porque este, em especial, mexeu comigo. Havia uma menina, Ladyana dos Prazeres. Nasceu imprecisamente em um certo ponto do furo Tauajari, nas confluências do rio Anajás. Ninguém sabe ao certo o lugar exato, porque não nascera em comunidade, mas em uma casinha de palha no meio do nada...

– Como é linda a nossa menininha, né, Toin! Olha que pequeninha mais doce! – dizia a mãe de Ladyana, toda se derretendo de felicidade pela chegada da primeira filha da família. O casal já tinha 3 filhos homens.

– É mesmo. – Se limitou a falar o pai.

– Ela vai me ajudar aqui nas tarefas de casa quando ficar maior. Os meninos não fazem nada.

– Claro, trabalho de casa é mulher quem tem que fazer. Homem trabalha e traz sustento para casa. Eu me mato de trabalhar nas canoas e os meninos me ajudam, todos trabalham comigo e tu ainda quer que eles façam trabalho de casa! Isso que não, né?

– Não surgiu no horizonte uma estrela para anunciar o nascimento de Lady, não teve festa na vila. Não teve visita de amigos e vizinhos. Não teve um agradecimento ao alto por tal acontecimento. Apenas a mãe da pequenina se alegrara com aquele nascimento. Isso porque já pensava na ajuda futura que teria nas tarefas de casa. – disse o padre continuando a história.

Viviam na miséria, mas em paz. Tinham o que comer, tinham o que vestir, tinham onde dormir. Tinham o básico. Escola não havia perto, por esta razão, nenhum dos filhos estudava, mas não tinham moleza. Trabalhavam com o pai, pescando ou fazendo bicos na época da colheita de açaí. Roçavam açaizais, capinavam mato de várzea, apanhavam folhas de miriti para vender para outros ribeirinhos especializados em artesanato. Tinham muito trabalho duro. Pouco descanso. Mas na hora do descanso, o igarapé era o playground.

– Vem Ladyana, pula que te ajudo a nadá! – dizia Deco, o irmão mais velho.

– Tenho medo! Não, quero.

– Deixa de ser medrosa, já te disse que acudo se tu precisar.

Com muito medo e insegura, Lady pensou, olhou, avaliou a situação. Estava bem na beira do pequeno trapiche que ficava na frente da casa dos pais. Pensou em pular bem perto da escadinha e assim tentar nadar o mais rápido que pudesse para segurar nos degraus. A correnteza estava forte.

Num instante, alguém dá um empurrão na menina e ela cai na água. Era o irmão do meio, Bitu, o mais atentado de todos, que tinha empurrado a criança. A cabeça de Bitu tinha mais marca de batida que uma mapa antigo e em alto relevo, existiam uns nós que nunca mais tinham sumido.

– Socorro! Ai, socorrglub! Ahgl! Socor... – gritava desesperada não só porque não sabia nadar, mas porque tinha sido pega de surpresa. Ela não esperava ser empurrada e estava em pânico. Estava se afogando. Enquanto isso, Bitu ria como se fosse a coisa mais engraçada que tinha visto na vida. A irmã com cara de pânico.

– Bitu, tu vais ver quando eu te pegar! – gritou Deco, que rapidamente nadou para socorrer a irmã. – Calma que eu estou chegando Lady, calma maninnha, calma. – e numa velocidade e agilidade típicas de quem nasceu às margens de um grande rio, tendo-o como rua, casa e meio de sustento, chegou em poucos segundos, resgatando a irmãzinha.

– Você tá bem maninha? Fala aqui com o seu mano, fala. – Perguntava Deco, aflito.

– Tô sim, mas entrou água no meu nariz. Tô cansada. Me leva pra casa.

– Os laços da família são bem estranhos. São bem fortalecidos com alguns irmãos, e muito frágeis com outros. Nesses reconditos então, muitas vezes nem mesmo os pais possuem laços fortes com suas proles. – pensava em voz alta o velho clérigo.

O tempo passou e a menininha estava crescendo bem. Depois do incidente do rio, o irmão mais velho resolveu ensinar Lady a nadar. Tinha medo que um dia ela caísse na água sem que ele estivesse por perto para poder ajudar. Deco sempre estava por

perto para proteger a irmã dos outros, principalmente do irmão do meio que era meio encapetado.

Ladyana já tinha 11 anos, Deco tinha 17, Bitu 16 e Zeza, o irmão mais novo homem, tinha 15. Quase uma escadinha de irmãos. Destoava do grupo o irmão do meio, Bitu, que desde bem cedo tinha má índole.

Parece que tem certos comportamentos que são inatos aos homens. Não dizem que algumas pessoas são boas de natureza ou ruins desde pequenas? Bitu era um desses fenômenos. Má índole ou boa índole, até hoje não sei se trazemos conosco, ou se desenvolvemos com o tempo. Realmente não sei. – refletia o idoso padre.

Naqueles dias, o pai de Lady começou um negócio novo. Não era dos mais legais, em todos os sentidos. Comprava combustível para revender aos ribeirinho que usavam nas rabetinhas ou como combustível de lamparina. Isso era perigoso, pois combustível é muito mais arriscado do que querosene.

O problema é que muitas vezes os grandes barcos e balsas que passavam nos furos não paravam e nem diminuíam a velocidade para o velho caboclo. Isso o deixava muito aborrecido, porque ele só queria negociar, não era ladrão. Pelo contrário, se achava um homem de família bom e honesto. Quando isso acontecia, voltava para casa muito bravo e descontava em todo mundo.

Um dia, ficou sabendo que as balsas paravam para atender mulheres que iam até eles em canoinhas. Mas soube também que elas iam não apenas vender seus produtos, como também fazer programas e, por isso, eles facilitavam a chegada delas. Nesse momento, Toin pensou que poderia levar a Lady como chamariz só para que diminuíssem a velocidade da balsa para que ele pudesse atracar e comprar combustível.

– Menina, vem comigo, vamos dar uma volta. – Falou Toin para a filha, ao chegar em casa. Ninguém tinha coragem de perguntar para onde iam, todos tinham medo dele. Mas a mãe, mesmo receosa, perguntou.

– Onde vão? Por que tá levando a menina?

– Ela vai me acompanhar hoje na canoa. – Respondeu contrariado.

Partiram sob o silêncio de todos, mas não sob o consentimento. Foram para as margens da baía, quando avistavam alguma balsa vindo longe, tentavam se aproximar, mas a maioria não diminuía a velocidade ao ver os dois na pequena canoa e passavam direto.

O pai de Lady percebeu que o problema era ele. Não deixavam se aproximar porque ele estava na canoa. Resolveu então colocar a menina em uma canoa pequena e mandou que ela ficasse no meio da baía, sozinha como se fosse uma isca. Um peixinho esperando os tubarões da água doce.

Deu certo, o primeiro barco que passou diminuiu a velocidade para que a canoinha se aproximasse. Oportunidade em que o pai da menina se aproximou em sua pequena rabeta. Vendo aquilo, os tripulantes não gostaram.

– O que é isso? Quem te deu permissão para te aproximar. O que o senhor quer? Pode se afastar!

– Calma, eu sou o pai da menina e só quero comprar combustível, tenho dinheiro, vamos fazer negócio.

– Não temos combustível para vender. Vão embora. – disse um dos tripulantes.

Se faziam de sonsos e desentendidos, mas sabiam de todos os esquemas que existiam naquelas águas. Então, olhando para a menina perguntou:

– Quanto é o programa? Posso trocar por combustível se tu quiseres.

Lady, que estava no barquinho só espiando, não entendeu o que estava acontecendo. Programa? Que era isso? O que eles queriam? Por que seu pai tinha lhe levado até ali? Muitas dúvidas passavam por sua cabeça, mas sabia de uma coisa, não estava gostando daquela conversa.

O pai olhou para a menina por uns instantes. Era sua filha, tinha doze anos. Logo estaria arrumando namoradinho e perdendo a virgindade. “Se já não tivesse perdido”, pensava consigo mesmo. Pelo menos ali ela iria pagar pelos alimentos, pelos custos que deu até hoje, como faziam os irmãos trabalhando pesado todos os dias. Já era hora de ela começar a contribuir para o sustento da casa.

– Quanto você paga?

– Dou 50 reais. O que é muito mais do que estão dando por aí. Tem menina que pede 30, 20, 10, 15 e por aí vai.

– É muito pouco, a menina é virgem. Tem que pagar bem mais.

A palavra virgem soou como uma luz iluminando o sorriso daqueles tripulantes sedentos por prazeres de toda ordem. Muitos pareciam animais no cio. Babando de desejos promíscuos. Nas viagens pelos rios afora, frequentemente usavam drogas de vários tipos: maconha era a mais comum, mas usavam também cocaína, crack, etc.

– Duzentos reais eu pago. – Falou um marinheiro novo, muito interessado.

– Dou quinhentos. – Disse outro tripulante que parecia ser superior ao primeiro, em hierarquia. O pai de Lady ficou muito contente com a proposta.

– Mil e não se fala mais nisso! – Dessa vez quem falava era o chefe da embarcação querendo encerrar o leilão.

“Égua, mil reais! Ganhei na loteria!” - Pensava o desalmado pai da infeliz criatura.

– Fechado. Me dá o dinheiro e leva ela, que eu fico esperando aqui. – disse sem remorso e sem pestanejar.

– Nada se paga antecipado. Vou com ela e na volta te pago. – Disse o chefe do barco e em instantes, agarraram a menina pelo braço e a levaram até um camarote. Ela estava chorando e se esmerneando. Pedindo para o pai não fazer aquilo. Já havia entendido que iriam abusar dela, mas não acreditava que o pai fosse capaz daquilo.

– Não! Não! Papai, não deixa me levarem! Me ajuda, papai, por favor! – gritava e chorava, mas como uma presa sendo levada para o abate, Lady foi forçada a ir ao camarote.

– Ha, ha, ha, ha, ha! Pode chorar, pode gritar, pode lutar que é assim que eu gosto! – Exclamava o bruto algoz da jovem criança, mostrando o quão ele era sádico. Queria ver sofrimento. Um mostro que sente prazer na dor, no medo.

Já no pequeno quarto da embarcação, encostou a porta, não fechou pois tinha medo de naufrágio. Com a porta aberta era mais fácil de sair. Agarrou a menina e ordenou que tirasse a roupa. Ela se negou.

– Vamos, bora, não tenho o tempo todo! Tira a roupa pirralha!

– Não! Nãããoo! Gritava e se debatia.

– Vai tirar sim, por bem ou por mal e agora! Rasssskk! – rasgou-lhe as pequenas roupinhas que ela vestia. Ela lutava como podia. Em vão. Tirou-lhe a pequena camisa e arrancou-lhe o shortinho, ficando apenas de calcinha.

Lá em baixo, o pai apenas ouvia a gritaria na parte de cima. A tripulação ria endemoniada, delirante. Naquelas alturas, bateu um certo arrependimento em Toin. Mas pensou no dinheiro e então ficou na dele.

– Papai! Mamãe! Decooo! Gritava Lady sem esmorecer, sem desistir de desvencilhar-se daquele monstro.

– Quieta menina! Paft! – Deu-lhe um bofete forte no rosto, fazendo com que ela perdesse o equilíbrio e caísse de cabeça na quina de uma mesa de madeira, abrindo um corte profundo, fazendo com que jorrasse sangue aos borbotões de sua cabeça. Assustado, o homem que até aquele momento estava em puro êxtase, ajoelhou-se, pegou-a nos braços para ver o que tinha acontecido.

– Menina, menina, acorda porra! Você tá fingindo, fala! – Mas a garota não estava fingindo. A truculência deu lugar ao medo e ao desespero.

– Égua! Caralho! Matei a porra da menina! – falava baixinho o dono do barco, com medo do que fosse pegar para o lado dele. Pensou em prisão, pensou em revolta dos ribeirinhos que poderiam invadir o barco em busca de vingança, pensou nos prejuízos que iria ter e na família que tinha.

Um silêncio de morte se fez. Lá em baixo, no barco, todos perceberam que tudo tinha ficado quieto no quarto. Pensaram que naquele momento o chefe teria dominado a situação. Quanto engano!

– O que é que eu vou fazer? E agora? Preciso me livrar dessa menina, égua! – Teve uma ideia. Apanhou uma garrafa de bebida que estava por ali e bateu com força em sua própria testa, criando uma ferida e um pequeno galo. Pegou o franzino corpo da menina, abriu a porta do camarote bem silenciosamente e atirou-o na baía.

– Tchibummm! Todos ouviram o barulho de alguma coisa caindo na água, mas não entenderam do que se tratava. Alguns segundos depois, como se estivesse esperando um tempinho até o corpo afundar, o chefe grita lá de cima:

– Socorro! Ajudem depressa! Ela se jogou. Bateu com uma garrafa na minha cabeça e fugiu, pulou na água para escapar. Aquela pilantrinha!

Imediatamente tentaram parar a balsa para ver se localizavam a garota, mas naquela altura, já era noite, sendo difícil fazer qualquer manobra, pois a embarcação estava cheia de produtos o que poderia expor a todos ao risco de naufrágio.

– Não podemos parar, estamos a favor da correnteza, é difícil manobrar essa embarcação tão grande e pesada. Desçam um barco e vão procurar por ela. – Gritava o capitão do navio muito preocupado com aquela situação. Então três marujos saíram em busca da menina. O pai da garota, horrorizado já havia ido atrás dela pouco antes das ordens do capitão, que até então tinha ficado quieto.

Gritavam no meio da baía pela jovem. Focavam as luzes das lanternas em busca de sinais, porém em vão. Para piorar, começava a chover e o rio estava com forte banzeiro, um perigo para todos. A balsa tinha seguido caminho. O dono da embarcação tinha falado para o capitão aumentar a velocidade e seguir adiante. Depois, os três marujos que ficaram para trás os alcançariam.

– Mas, chefe a menina pode se afogar, ela pulou na água! – exclamou o capitão.

– Problema dela, quem mandou pular, que se dane e leve o pai junto, “simbora”.

Uma hora e trinta minutos depois, os tripulantes retornaram para a balsa.

– Não encontramos ela chefe. Nada. Tá muito ruim de procurar, muita agitação, muito escuro e a chuva está muito forte.

– Disse um dos marinheiros.

– Então deixa pra lá. Já foi. Não temos mais nada com isso. Segue em frente. – disse o capitão.

Enquanto isso, o pai de Lady continuava procurando pela filha. Desesperado, gritava no meio da baía:

– Ladyana! Ladyana! Cadê você! Ladyanaaaaaa!

Toin passou a noite inteira buscando a filha, mas não a encontrou. Arrependido e se sentindo culpado, voltou para casa, remando na pequena rabeta, pois tinha acabado todo o combustível na busca.

Ao chegar em casa, encontrou todos aflitos, porque haviam demorado muitas horas fora.

– Mulhé, aconteceu uma desgraça mulhé! Ontem a noite, no meio da baía, o barco virou e a Ladyana caiu na água. Tava chovendo muito e tinha muito banzeiro. Não conseguir salvar ela. Ela se afogou.

– Não! cadê a minha filha? Tu levaste ela daqui, traz de volta. Eu quero ela. – gritava e chorava a mãe desesperada, sem saber realmente o que tinha acontecido.

– Mas ela sabia nadá, pai, ela sabia nadá muito bem. Eu ensinei ela a nadá. Ela tinha medo de água antes, mas agora ela já sabia nadá. Como isso pôde ter acontecido!? – Perguntava Deco surpreso e transtornado.

E sem estar conformado, saiu correndo para o rio, pegou seu barquinho e foi tentar encontrar a irmãzinha sozinho. A família ficou chorando. Não havia velório. Não havia rezaria. Não havia com o que se lamentar por muito tempo. Era, para eles, uma fatalidade.

Mais tarde, naquele mesmo dia, já quase ao anoitecer, Deco voltou das buscas. Chorando e ainda inconformado. Era mais filha dele do que do pai. Se sentia mais responsável por ela que qualquer um. Não deveria ter deixado o pai levar a irmãzinha.

– Ladyana acordou em uma pequena faixa de areia. Algumas pessoas estavam ao seu redor. Ela não reconhecia ninguém. Viu um senhor que lhe embrulhava em uns pedaços de pano e lhe colocava no colo. Era padre Damião, eu mesmo. – disse o padre. Ela não se afogou porque mesmo machucada, quase inconsciente, tinha se agarrado em um pedaço de madeira que estava boiando, vindo parar aqui nesta localidade.

– O que houve padre? O que aconteceu depois? – Perguntava um dos presentes com muita curiosidade.

– Ela me contou tudo o que tinha acontecido. Cuidei dela até ficar boa e depois ela não quis mais voltar para a casa dos pais, porque não queria mais encontrar o pai. Cresceu aqui na paróquia me ajudando e estudando. Hoje, ajuda a combater a exploração infantil no Marajó. É aquela senhora ali conversando com aquelas crianças. – Apontando para uma pessoa distante.

– Por ter sido uma pequena guerreira, resolvi contar a história dela para vocês. Lady teve sorte, contudo existem centenas de meninas que não tiveram a mesma sorte e são prostituídas todos os dias, mas com a ajuda de vocês e de outras pessoas de boa vontade, podemos mudar essa triste realidade. – Concluiu Damião o relato.

– Obrigado padre. Pode deixar que vamos fazer o mundo saber da história dela. – Falou um dos membros daquela comitiva.

MENÇÃO HONROSA

O CURUMIM E O MAPINGUARI

Holdamir Martins Gomes

Comarca de Belém / Fórum Distrital de Icoaraci

Que nossos medos se transmudem em risos!

Em algum lugar, numa aldeia no meio da floresta amazônica, todos os indígenas ainda vivem com coragem e ousadia, menos um deles Curumim – um indiozinho menino e medroso. Assustado como ele só. Um medo que dava dó.

Curumim pouco palavreava, escondia-se até das palavras. Pouco saía da oca onde morava, escondido entre moitas, galhos e folhas secas, numa espécie de esconderijo só seu.

– Vamos brincar – chamavam os outros indiozinhos, mas ele não ia.

Veze sem conta, quando sua mãe o chamava e pedia para ele dali sair – correr, mergulhar no rio, caçar, brincar – ele fingia ir, mas se escondia, e, de tão pequeno, sumia sem ser notado.

Curumim tinha muitos medos, sim. Não só da floresta em que se situava sua tribo, com a mata verde e densa, onde se poderia perder e encontrar bichos que o fariam tremer; mas do rio, onde poderia se afogar; das árvores, em que evitava subir, com medo de cair; das danças e brincadeiras, que levantavam poeira, que podia fazê-lo espirrar; de tacapes e flechas também não gostava, pois podiam machucá-lo; relâmpagos e trovões, melhor nem comentar.

Pensava que as lagartas virassem jacarés; as minhocas,

cobra grande; borboletas, pássaros gigantes; formigas virassem caranguejeiras e as chuvas fossem cuspe do céu, ou aguaceiro de gafanhotos molhados. De tudo tinha medo, sim!

Então de tudo fugia. Escondia-se por tempos seguidos, no seu esconderijo de moitas e galhos secos. Assim muito pouco andava. Não corria. Não brincava. Não dançava. Não pescava. Não caçava. Nem banho no rio tomava. Pouco comia e sorria. Na verdade, pouco vivia e muito menos ainda convivia. Nas danças e celebrações do seu povo, nem mesmo aparecia.

Diante de algum som ou risos, às vezes ficava de espreita, de butuca, e quando via alguém ou alguma coisa vindo para o seu lado, sua reação era fugir, esconder-se. Era arisco como uma cutia, constantemente buscando uma rota fugidia.

O Pajé, líder espiritual da tribo, já vaticinara: Curumim só vira índio quando crescer!

E, dentre os medos do dia e da noite, de todos os medos que tinha, o maior deles, o mais arrepiante, assombroso e medonho era o do tal do Mapinguari. Um gigante peludo com um olho na testa, boca no umbigo, que grita como uma pessoa e vive no interior da floresta amazônica. O medo era do tamanho do monstro, enorme, horrendo, assustador. Era um ser que poucos viam, mas todos temiam. E quem mais temia e tremia era o Curumim.

Por vezes o monstro ocupava tempo e espaço, flutuando na cabeça inquieta do indiozinho medroso. E quando isso acontecia, suas pernas estremeciam, coração disparava, olhos dilatavam apreensivos à menor sombra, ao menor vulto, tudo velozmente transformado em ameaça, em perigo, em um monstro que, há quem diga, parece um macaco descomunal, peludo como um porco espinho e feroz como uma onça, que anda durante o dia pela floresta, guardando a noite para o repouso.

Um dia tudo ficou silêncio. Uma grande quietude na aldeia e na mata, e isso inquietou o indiozinho que achava que toda calmaria prenunciava uma violenta ventania, um toró, ou coisa pior.

Curumim, timidamente, saiu do seu esconderijo e não viu ninguém... Colocando a cabeça para fora da oca, olhando de um lado para outro e era o mesmo vazio. Ninguém. Daí lembrou que o povo tinha ido rio abaixo, festejar o toré, ritual sagrado em que toda a comunidade celebra a amizade entre as distintas aldeias, os parentes. Curumim ficou só, pois se negou a ir.

Sozinho, sentado num banco, na entrada da oca, ficou de espreita, atento, seja pela solidão da aldeia, seja pela companhia de seus medos e fantasias.

Havia, no entanto, uma estranha atmosfera que pairava sobre tudo e penetrava em cada canto, alguma coisa exalava no ar, qualquer coisa de desconhecido e sutil, como um cheiro, uma sombra, um ruído, um andar...

Foi então que o pensamento de tanto insistir, de tanto mentalizar, numa luta desigual com seus medos e fantasias, que o mais medonho deles apareceu. De súbito, diante de si, surge o Mapinguari.

Curumim ficou completamente nervoso. Seus olhos arregalados, num salto pôs-se de pé. Mas suas pernas, como pedras, não lhe permitiram correr. Curumim olhava a criatura com imenso assombro, enquanto seu corpo diminuía e encolhia, diante da imensidão do monstro da floresta, que foi crescendo, tomando conta.

Frente a frente, cara a cara. Não havia escapatória. O Mapinguari era mais assustador do que fantasiara e mais fedorento do que os outros comentavam. Parecia coisa de outro mundo. O corpo era vestido de pelos, da testa um olho só, olho não, um

olhão. A boca no umbigo era um desproporcional bocarrão. Tamanho bocão era capaz de comer sete Curumins inteiros, além do cacique, o pajé e mais sete paneladas de pirão – um caldo grosso feito de farinha de mandioca e caldo de peixe. Exalava do seu corpo um cheiro nada agradável.

Que medo, que assombração, que mal cheiração! Curumim ficou tão branco, tão branco de susto, que da cor de açaí que parecia ter, virou cor de bacaba – embranquecido. Tal mudança brusca de coloração fez o Mapinguari sorrir. Sorrir não, gar-ga-lha-de-ar. Deu uma enorme gaitada, alta, estridente e longa...

Com aquela espécie de gozação, Curumim do branco ficou amarelo. Amarelou feito um murici. O Mapinguari quando viu a mudança de tonalidade, outra ruidosa gargalhada soltou. O amarelão do Curumim crescia gradativamente com as sonoras gaitadas sem rédeas do Mapinguari.

A avacalhação do monstro da floresta fez com que do amarelo, o Curumim ficasse vermelho. Avermelhou feito uma pupunha de tanta vergonha. O Mapinguari, quando observou a nova nuança do indiozinho, novamente desabou numa desbocada e estridente gargalhada. Sorria sem conseguir parar. Colocava as mãos na testa, já que no umbigo tinha a sua boca. Tanto era o gargalhadear que, sem pudor, o riso moveu a criatura que caiu e rebojava no terreiro em sonoras e largas gargalhadas, diante do indiozinho estático, que parecia um camaleão na sua inconstante coloração e tonalidade de cor. Era um escárnio só.

Mas curioso é que uma estranha sensação foi nascendo dentro do indiozinho. O seu medo foi ficando para trás, distanciando-se. O medo que era do tamanho do Mapinguari – enorme, gigante, agora tornava-se um medo até menor do que o

próprio Curumim – pequeno, diminuto, fugitivo. Era um medo tão acanhado, encurtado e nanico, que aos poucos desapareceu.

Num repente, o Curumim ergueu-se e pondo-se na frente do Mapinguari, não sabendo de onde lhe vinha tamanha ousadia, talvez da vergonha, pronunciou alto e bom som essas palavras:

– Pode parar, não sou palhaço nem o bobo da aldeia – e olhando incisivo para o Mapinguari, concluiu – isso são modos de se comportar uma criatura da floresta?!!!

O Mapinguari, como que golpeado pelas palavras, parou a risada e, com expressão ensimesmada, levantou todo sujo de terra, tentando se recompor, fingindo não ter sido perturbado. E, ao olhar para o olho do Curumim, percebeu que ali já não havia mais medo. O olhar assustado do indiozinho tornara-se contundente, incisivo, quase desafiador.

Mapinguari ficou envergonhado, acabrunhado, meio murcho, meio parvo. E antes que alguém aparecesse, evitando passar mais vergonha e embaraço, apressado, subitamente como surgiu, desapareceu, embrenhando-se no verde da floresta, para não mais voltar.

Curumim, desde aquele dia tornou-se outro, sem deixar de ser o mesmo. Ele não mais tem medo de chuva, nem de raios ou trovões. Sobe nas árvores, pega frutas, corre pela mata, varia rios e distâncias, enfrenta as ventanias e põe animais em correria. Se se molha, com o sol e correndo, sabe que vai secar. Se cai, rapidamente se levanta. Seus olhos, tão cheios de impetuosidade e ousadia, parecem não ter mais medos. Como concluiu o Pajé: Curumim cresceu.



CRÔNICAS

1º LUGAR

O FILHO DO FLORISTA

Augusto Cesar Doroteu de Vasconcelos

Comarca de Santarém

Rio de Janeiro, década de 50. Clima de Bossa Nova na cidade. Em uma das muitas floriculturas do município fluminense, trabalhavam pai e filho. Este um rapaz de 20 anos que odiava o ofício de florista. Já o pai, romântico e viúvo, não se imaginava fazendo outra coisa na vida. O motivo do desgosto do rapaz se explicava pelo fato de ele nunca ter se apaixonado, não entendendo o porquê das flores serem tão especiais aos casais enamorados. Apesar disso, ele conhecia tudo de flores e sabia escrever os bilhetes mais lindos. Homens de toda cidade o procuravam, explicavam a situação e descreviam suas pretendentes. Era o suficiente para ele escolher a flor certa e o arranjo perfeito. Em seguida, sem muito esforço, escrevia o bilhete. Sempre arrebatador. Assim, o rapaz era um poeta que ainda não descobrira o amor.

Mas um certo dia de verão, uma moça entrou na floricultura. Era da sua idade, morena linda de olhar expressivo. Ela primeiramente explicou ao pai dele que estava completamente apaixonada por seu professor da faculdade. Desconhecia o rapaz, deduzindo equivocadamente que o senhor era o famoso florista romântico. Ficara surpresa quando este a informou que era seu filho o mestre do amor. Ela ficou desconfiada e desafiou o rapaz, questionando por quem ele era tão apaixonado para tirar tanto inspiração. Ele explicou a ela que isso ainda nunca lhe ocorrera, mas que ele conseguia de alguma maneira ler a alma

das pessoas através do olhar. Ela então, sentindo-se mais segura, revelou tudo a respeito do professor e os meses de paixão não correspondida. Ele então escreveu o cartão mais lindo de todos, fazendo um arranjo que deixaria qualquer homem lisonjeado. A moça saiu radiante e confiante que conquistaria o seu professor. Porém, quando ela se foi, ele percebeu que estava sentindo algo novo. Um incômodo, passando a semana imaginando a moça nos braços de outro homem. Percebeu que essa emoção deveria ser aquilo que muitos chamavam de ciúmes. Durante todos esses dias ele não conseguira escrever um só bilhete. Seu pai percebendo seu abatimento falou: “Meu filho, você está apaixonado”. Só aí ele entendeu o porquê de os homens que o procuravam ficarem sem reação, sem saber o que fazer diante das mulheres.

Mas num certo momento, ele se lembrou dos olhos da moça e de tudo que enxergara em seu olhar. Pegou o caderninho de registro de clientes, descobrindo o endereço dela. Escreveu um poema lindo e o mandou junto com um botão de rosa. Começou a fazer isso todas as manhãs. Depois de uma semana, ela retornara à floricultura. Curiosa e inquieta para saber quem era que estava indo lá todos os dias encomendando a ele poemas tão lindos. Explicou que isso a fez esquecer o tal professor, de quem se decepcionou logo no primeiro beijo. Ele esclareceu que não podia revelar a identidade de seu cliente, que quando ele se sentisse seguro se apresentaria a ela.

Nas semanas seguintes, a cada novo poema, ela o respondia com uma carta, que o inspirava a escrever poemas ainda mais belos. Porém, passado um mês, ela ansiosa em conhecer seu pretendente, começou a exigir um encontro, caso contrário, passaria a recusar as rosas e os bilhetes. Isso o deixara profundamente inseguro, pois ainda não experimentara um beijo de uma

mulher amada. Como ele conhecia muitos homens na cidade, alguns muito influentes, mas todos muito agradecidos por sua ajuda, prometendo devolver a gentileza quando precisasse, telefonou para o responsável pelo bondinho do Pão de Açúcar, que se casara com a mulher da sua vida há poucos meses com o seu auxílio. Ele então conseguira acesso exclusivo àquele cartão postal da cidade em um horário fechado ao público. Marcou com a moça em um dos bilhetes. Ela tinha apenas uma hora para estar no local combinado. Chegando lá, até com certa antecedência, tamanha era sua ansiedade, recebeu outro papelzinho, indicando que ela deveria entrar no bondinho e atravessar. Para sua surpresa, no meio do caminho o bondinho parou. Assustada, ela percebeu que do outro lado o segundo bondinho começou a retornar e que iria cruzar com o dela.

Mas quando isso aconteceu, aquele também parou, ficando ambos emparelhados, separados apenas por um passo. Sem reação, o coração dela disparou. Sorrindo, disfarçando o maior desespero da sua vida, ele surgiu diante dela. Os olhares se encontraram, ambos perceberam a felicidade espelhada no outro. Então se beijaram, sem nada falarem. Depois ainda abraçados, ela falou: “eu sabia que era você”.

CRÔNICA DO GRITO SILENCIADO

Martha Lucia Oliveira Rios

Comarca de Belém

Assistiu a tudo calado. De que adiantava falar?

Sempre as mesmas coisas, sempre os mesmos fatos.

Uma repetição enfadonha, mas assim que acabava, não dava tempo nem de esboçar revolta. Tornava a acontecer.

Permaneceu calado. Mas no fundo esperava que tudo fosse diferente. Como mudar o rumo das coisas?

Silêncio. O pior ainda está por vir. Será que vem?

A Esperança é sempre a última que morre. Mas a vizinha de mesmo nome morreu semana passada. “Deus a tenha!”

Assistiu a tudo e gritou. Mas não tinha ninguém pra ouvir. Era melhor ter ficado calado.

Agora lhe doem a cabeça e a garganta.

E as mesmas coisas continuam a acontecer.

Foi dormir. Dorme mal, mal dorme. Acorda doído. As costas não são mais as mesmas, mas o colchão é.

Levanta a pulso. Tudo de novo. Vai ao banheiro, lava o rosto. Se olha no espelho de borda laranja e se penteia com a escova azul de encaixar na mão. Alguns dos poucos cabelos se cansam da cabeça e ficam pela escova e pela pia, que há dias está entupida. “Depois eu vejo isso”.

Andou pelo apartamento pensando, mas não queria pensar. Pensar cansa, melhor agir. Mas fazer o quê? Se tudo se repete?

Foi fazer o café. Coador de pano, café de soldado. Foi assim

que aprendeu a fazer quando tinha lá seus 13 anos. E o cheiro lhe trazia lembranças boas de quando a vida era brincar na rua e sua maior preocupação era passar de ano na escola.

A vida de gente grande é chata. Já não sabia mais porque queria tanto crescer, mas é assim: a gente cresce. “Inexorável, acho que é essa a palavra”. Pensar cansa.

Foi trabalhar. O ônibus novamente estava cheio. E o assalto aconteceu de novo. E novamente ele ficou calado. Mas quando chegou a sua vez, ao invés de entregar a carteira, deu um grito. “Pare!” Um tiro e pronto. Não teve a chance de dizer que estava cansado.

Agora sua cabeça doía pela última vez, sua garganta doía pela última vez. Inexorável.

NA FAZENDA, REFAZENDO-ME!

José Fernando Ferreira de Araújo

Comarca de Castanhal

Dentre as várias lembranças de minha infância, recordo-me com carinho dos momentos vividos em uma fazenda; era a propriedade do seu Antônio Paiva em Igarapé-Açu. Minha mãe ia até o local, localizado a uns trezentos metros de casa, para lavar roupa no igarapé, e sempre me levava junto. Ela dizia que a água de lá era melhor para lavagem. Mas não era só isso! Ela ia porque lá havia verde, uma mesa grande dentro do igarapé, onde as senhoras batiam a roupa, e isso a fazia lembrar de episódios de sua infância, vivida no interior de Bragança. Para mim também era muito agradável ver aquele movimento de girar a roupa ensaboada sobre a cabeça para ganhar força, depois ser batida na mesa e em seguida ser espremida, escorrendo a espuma de sabão sobre a água, indo embora seguindo a pequena correnteza. Havia poesia ali! Eu aproveitava aquele ritual, ouvia as histórias contadas por aquelas senhoras, e minha imaginação ganhava asas.

O meu papel era estender a roupa no varal, uma cerca com arames. Era um papel também muito prazeroso, porque viajava no movimento das peças ao sabor do vento, sentindo o respingo da água no rosto ao sabor do sol. Acho que minha vocação para a dança se aprimorou ali, naqueles movimentos! Não lembro de nenhuma vez que tenha me recusado a ir até lá, via aquilo tudo como uma grande brincadeira poética. Mesmo sendo muito raro

irem outras crianças com as senhoras, eu brincava com tudo, com a espuma na água, com os insetos do mato, com a roupa dançando, e contemplava tudo aquilo com muita satisfação; a natureza é uma eterna criança que brinca, o motor de seu brinquedo é sempre o vento.

Já na adolescência, a fazenda continuou fazendo parte de muitas de minhas aventuras, e aventuras na adolescência tem muito a ver com o proibido, o proibido sempre atrai! O proibido também por ser perigoso se torna valioso, o ouro que iríamos buscar na fazenda era uma fruta chamada de ingá-chichica. Era dito que o senhor Antônio Paiva era homem sério e rígido, se pegasse garoto na fazenda castigava. Então a tensão aumentava, mas era uma tensão prazerosa. Pulávamos a cerca da fazenda e seguíamos para um bosque dentro da propriedade, uma pequena ilha verde, o nosso ouro estava lá, em abundância. As outras preciosidades da ilha eram os pássaros, lá conseguíamos ver até papagaios e periquitos, além da dança das árvores comandada pelo sopro da natureza.

Não sei se os outros meninos sentiam o que eu sentia, mas tinha algo de mistério ali, uma sensação de que havia algo mais! Acho que foi aquela sensação que tive que motivou as pessoas há um dia criarem algumas figuras de nosso folclore, como a Mãe D'Água, a Matinta Pereira, o Curupira, e por aí vai. Mas o que provocava aquela sensação talvez fossem apenas as árvores em sintonia com tudo ao redor, sussurrando: “somos seres cheios de vida e alegres como vocês!” Capturado o ouro, era hora de retornar passando por matos e igarapés.

Agora depois de muito voar, já na idade adulta, veja onde a vida me trouxe...! A fazenda foi loteada recentemente... Por mim, ficaria eternamente do jeito que estava... Mas lotearam...

Não resisti, comprei um lote, uma parcela daquele chão verde situado em frente ao bosque da minha adolescência, de fundos para a mata por onde corre o igarapé da minha infância, ao lado de uma área de preservação. Será uma morada muito significativa, por certo! Do bosque restaram apenas algumas árvores, mas quando olho naquela direção sempre vejo um bando de meninos pulando a cerca para apanhar ingá-chichica. Retorno com frequência àquela fazenda, e fico lá, saudoso, refazendo-me!

MENÇÃO HONROSA

A FORÇA DE UMA SUGESTÃO

Noélia Alves Nobre

Comarca de Belém

Era novembro, já passava das onze horas da manhã, o sol estava quase a pico, ardente, como há muitos anos não acontecia. O vento soprava forte, mas quente, e arrastava uma poeira seca que impregnava na pele, nas roupas, deixando uma camada de terra por onde passava. Naquela cidade longínqua, em pleno sertão nordestino, o fórum estava completamente lotado, todos queriam assistir àquele júri. Era o assunto mais discutido, o maior evento dos últimos tempos na região. Um crime ostentado de crueldade e futilidade.

O velho prédio amarelo, desgastado pelo tempo e pela falta de conservação, abrigava o fórum. As paredes descascavam, mostrando o barro seco e parecia se desmanchar ainda mais com a passagem do vento. Apesar de toda a aparente destruição externa, ele continuava a preservar as lembranças de seu passado de glória e poder. Ao atravessar as portas francesas de madeira grossa e antiga, com seus furos e imperfeições, se via o grande salão com a coloração das paredes já desbotadas e piso branco com uma estampa marrom, formando flores, cheio de rachaduras e faltando alguns pedaços. Janelas de madeira com porta dupla, presas por pregos e cordões para permanecerem abertas, dando entrada à iluminação e ao vento, com o intuito de refrescar um pouco o recinto.

A primeira parte da sala possuía muitos bancos de madeira

compridos, antigos, mas firmes, apesar de gastos e cheios de defeitos que deixavam à mostra os pregos tortos e desajeitados. Apesar de tudo, os bancos estavam abarrotados de curiosos, na ânsia de ver o show. O teto do salão era alto e sem forro, deixando à mostra as grossas vigas que se estendiam de canto a canto do recinto. Uma divisória de madeira separava essa primeira parte, com o público, da segunda parte, onde se encontrava, à direita, as cadeiras dos jurados e, na frente, o púlpito ostentoso onde sentava o magistrado, vestido em sua beca ostentosa, e ao seu lado, a acusação, o escrivão e a defesa. Logo à esquerda, com um policial de cada lado, o querelado, um homem nos seus quarenta e poucos anos, de pele queimada e rachada, rugas e um olhar baixo e profundo, as mãos calejadas do trabalho no solo. E, por fim, o oficial de justiça, que acompanhava cada movimento na sala, tentando organizar tudo para que transcorresse na maior tranquilidade.

Os sete jurados eram pessoas do povo. Dentre eles, apenas uma mulher, bem caricata, meia idade, cabelos curtos ficando grisalhos, óculos de tartaruga com as lentes grossas e um vestido azul-cobalto, feito apenas para aquela ocasião. O restante dos jurados eram homens de diversas classes sociais, todos acima dos quarenta e cinco anos, representantes leigos perante as leis, mas com sede de justiça. E o calor, que parecia ficar mais forte, começava a impacientar as pessoas, o suor começava a aparecer, se abanavam como podiam.

Depois da abertura, o juiz, um homem com seus sessenta anos, meio calvo, acima do peso, se manifesta e dá a palavra à promotora de justiça. Esta, que há pouco havia passado no concurso, assumira aquele posto, estava em seu primeiro grande júri. Com apenas vinte e sete anos, cabelos negros como carvão,

curtos e ondulados que acompanhavam um rosto arredondado e olhos castanho-escuros, cheios de energia. Finalmente se preparava, com um pouco de medo, para mostrar os fatos. Andou pela sala, em direção aos jurados, com sua veste talar e iniciou a história sobre o triste e trágico ocorrido.

Aquele homem, que se encontrava no banco dos réus, era um agricultor das redondezas, tinha sua gleba, onde plantava feijão e mandioca. Ao lado de sua propriedade, um senhor de mais de cinquenta anos, também agricultor, com belas plantações. Ambos trabalhavam sol a sol e eram amigos desde a tenra infância. Porém, um certo dia, o acusado achou que o padecente estava afastando sua cerca, e assim invadindo suas terras. Os dois iniciaram uma discussão, em que a vítima negava piamente tal fato. O indiciado insistia. Ele entrou nas terras da vítima e o afrontou com palavras e gestos.

O agricultor de meia idade, sem entender as acusações do companheiro de longas datas, continuou a negar, e por fim, pediu que o amigo obstinado, se acalmasse e deixasse de incutir coisas sem lógica, saindo de suas terras, naquele exato momento. Dizendo isso, ele se vira e caminha em direção de sua casa.

Neste momento, o vizinho, invadido por um ódio incontrolável, vira-se, e pegando um pedaço de pau grosso, grande, velho e descascado, que estava encostado na cerca, com um só movimento, a agarra e começa a bater descontroladamente e com fúria no vizinho, atingindo inclusive a cabeça, até vê-lo cair morto no chão, com muitos machucados e encharcado de sangue.

A esposa da vítima se aproxima naquele momento, com um balde de água nas mãos, o qual derruba ao ver a cena chocante do marido morto no chão e o seu vizinho com um pedaço

de tora, parado em frente ao mesmo, e lhe encarando com os olhos pulando do globo ocular, a pele suada, e um aspecto meio perdido, louco, como se tivesse acordado de um pesadelo.

Ela grita, e corre em direção ao moribundo, se ajoelhando sobre ele, o agarrando, balançando, chorando e berrando desesperadamente.

Ela era uma mulher de meia idade, que usava um vestido de chita com um pano amarrado na cabeça e tinha uma pele queimada e enrugada, que a fazia parecer uns quinze anos mais velha.

Diante da exasperação da viúva, o homem solta o pedaço de madeira, e sai correndo de lá, pula a cerca e ganha a estrada, em uma velocidade sem tamanho.

Dois dias depois, o suspeito é preso na cidade vizinha, pelos policiais de sua cidade, após uma denúncia anônima, de um homem escondido num barraco abandonado.

A promotora enfatiza, que foi um homicídio cruel e fútil, e aproxima-se do oficial de justiça, fala no ouvido do mesmo, que se retira do recinto, retornando logo depois com um pedaço de pau, como o utilizado no homicídio, e entrega para a promotora, que entrega ao primeiro jurado, e pede para que cada um, segure aquele pedaço tosco de madeira, e se coloque no lugar da vítima, sentindo cada paulada que a mesma recebeu naquele tenebroso dia, sem conseguir se defender, até ser atingido para o final mortal.

Os jurados indignados, tocavam aquela tora tosca e imaginavam aquele ocorrido com eles, fazendo com que fizessem expressões horrorizadas e indignadas, fazendo brotar todas as suas mais profundas emoções, e assim ia aquele instrumento contundente, passando por cada um deles. Alguns até chegaram

a deixar escorrer lágrimas pela face, que se misturavam com o suor, pelo calor do lugar.

As pessoas que assistiam a tudo, também conseguiam imaginar cada golpe desferido no pobre agricultor, e chocadas, muitas comentavam entre si, toda aquela história, vendo e revendo, cada um dos detalhes cruéis, e sem sentido.

Enfim, os jurados foram para a sala de reuniões, e em menos de trinta minutos depois, retornaram com o veredito de culpado.

Aquela afirmativa invadiu toda a sala, e recebeu muitas palmas. Vozes que pareciam estar felizes pela tragédia ter tido um final justo e merecido.

O acusado sem reação, foi levado pelos policiais, e a promotora recebeu muitos elogios pelo seu desempenho.

Ela estava feliz por ter conseguido fazer seu trabalho, pela primeira vez, de forma tão impactante. Não que a prisão daquele homem fosse mesmo resolver algo, nem trazer a vítima dos mortos, mas, parecia que a justiça tinha sido feita.



POESIAS

1º LUGAR

SONETO DO AMOR A PERDER DE VISTA

Waldecy Philipe Meneses Carvalho

Comarca de Altamira

Quis no amor poder ter tudo
Mais do que este tinha pra dar
Ainda que longe, irei, contudo
Perdendo os passos a procurar

Se eu fui amado, não me iludo
Deixo a incerteza me carregar
Pois tenho sonhos como escudo
Tenho lembranças pra recordar

E pensar que me pus reticente
A lamentar o pesar do teu partir
Viver de saudade no inconsciente

Quem me dera poder descobrir
A desventura de quem sofreu
Tal sentimento igual ao meu.

2º LUGAR

CARNE PODRE

Alan Freire de Alencar

Comarca de Bonito

O animal morreu e tu comeste...

O animal começa a putrefar

Assim que o sangue para de circular

Na carne dele... e tu comeste...

O animal morreu da forma mais primitiva

E tu, ser evoluído e portador de alta tecnologia,

Tu provaste a morte resumida

Saboreaste a dor não-ressentida

Mas reclamaste da agressão a um animal

Logo tu, que és desprovido de moral,

Que és contra a rinha e mata frango no natal;

Que és contra a tourada, o rodeio e a vaquejada

E sempre está presente em qualquer churrascada;

Que és contra a matança de golfinhos e baleias

E que sempre compras peixes pelas feiras;

Tu que falas mal da tradição oriental

De comer cachorro

E achas isso uma indecência.

És tu mesmo,

Tu que comes carne podre com papelão

E ácido ascórbico

E que agora queres reclamar da procedência

Tu que passas o ano inteiro te alimentando de fibras

Pra acabares com a tua verminose

Não tens moral pra reclamar do papelão

Que nada mais é do que a fibra da celulose

Tu que ignoras tua própria ignorância

Por passares o ano inteiro tomando vitamina C efervescente

Agora queres reclamar do ácido ascórbico

Como se fosse “outra coisa diferente”...

Mas não é!

A carne é podre...

Toda carne é podre

As melhores carnes são as podres

O pernil italiano, a calabresa, o peperoni,

Aquele da pizza que tu pedes pelo telefone.

A tradição viking do tubarão podre

Que é mantida pacificamente até hoje

O que tu podes me dizer do siri, do caranguejo,

Da lagosta e do camarão

Que só se alimentam de animais mortos

E que tu comeste de montão?

O que não dá pra digerir é a tua contradição.

3º LUGAR

OS PORCOS

Marcos Eduardo Athias Rodrigues.

Comarca de Santarém

Cansado, depois de um dia de trabalho,
Deitei em minha cama e adormeci.
Em pesadelo, os porcos governavam os homens.
Suas cabeças eram de porco,
Seus dentes eram de lobo,
Suas línguas eram de serpente.
Negavam pão ao faminto
E descanso ao esgotado.
Puniam com rigor o justo
E absolviam o culpado.
Falavam a mentira como verdade,
Caluniavam quem andava em integridade.
O reto era visto como mau caráter
E o impostor ganhava destaque.
Os porcos estavam em toda parte
E onde quer que chegassem
Ocupavam os primeiros lugares.
Não podendo mais suportar
Com um grito acordei!
E para meu espanto e desespero
O fantástico era a realidade.

MENÇÃO HONROSA

AI DE MIM!

Esdras Charles Favacho Torres

Comarca de Belém

Ai de mim!
Ai de mim Senhor sem o Teu amor.

Seria um recém-nascido sem o leite materno.
Seria um pássaro sem as asas.
Seria uma canoa sem os remos.

Ai de mim!
Ai de mim Senhor sem o Teu perdão.

Seria o rio Amazonas sem a água.
Seria um corpo sem o espírito.
Seria um livro sem as páginas.

Ai de mim!
Ai de mim Senhor sem a Tua misericórdia.

Seria a parte sem o todo.
Seria a lua sem a luz do sol.
Seria uma mangueira sem as raízes.

Ai de mim!
Ai de mim Senhor sem o Teu senhorio.

Seria tudo?
Seria nada?
Seria apenas eu mesmo.



SELECIONADOS

O PERSONAGEM DE BORGES

Erick José Silva de Souza

Comarca de Paragominas

A noite há muito se instaurara e ainda me sinto como se não tivesse feito absolutamente nada, desde que me levantei cedo, às sete da manhã. Mas isso não passa de especulações infundadas, pois eu fizera inúmeras coisas nas horas que se passaram. Minha mente está uma bagunça. Tudo isso devido a fatos que me deixaram meio aéreo ao longo das últimas horas deste excêntrico dia.

Pela manhã, havia lido cinquenta páginas de uma compilação de textos históricos, contidos em um livro que adquiri recentemente que me revelaram características nada louváveis sobre o casal argentino mais famoso de todos os tempos. Agora sei que Juan Perón foi o maior carrasco da Argentina e também sei que muitos argentinos ficariam com os dentes rangendo se lessem o que digo. Sua mulher, Evita, “*não passava de uma mera prostituta*”, disse Jorge Luis Borges a respeito da esposa do líder hermano.

À tarde, uma chuva endiabrada caiu. O sinal de telefonia fora prejudicado com o mau tempo, o que me impossibilitou de chamar um táxi, no intuito de encontrar com a minha namorada londrina na confraternização dos seus amigos de trabalho. Fiquei em casa, afugentado, e voltei à leitura, *O Guia Politicamente Incorreto da América Latina* em minhas mãos, meus olhos impregnados nas linhas, e minha mente se habituando à queda radical das máscaras dos falsos heróis latino-americanos.

Passados alguns instantes, a noite já imperava, quando, de

repente, a energia elétrica falhou, deixando-me submerso nas trevas de meu quarto. Na ocasião, estava no meio de uma leitura sobre o mexicano Pancho Villa. Felizmente, tinha acabado de terminar o primeiro tópico do texto integral. Odeio quando alguma coisa me força o interromper um raciocínio.

Resolvi deixar o livro de lado, pois às cegas não existe leitura, a não ser que seja leitura em braile, que não era o meu caso. Decidi esticar o corpo sobre o colchão macio da cama. A escuridão era total. Parecia que eu estava fazendo parte da constituição daquela atmosfera soturna. Poderia ter ficado ali deitado por um longo tempo, divagando sobre coisas desimportantes, encontrando poesia em antros improváveis, e dizendo a mim mesmo o quão imbecil eu estava sendo em não pegar o meu celular, que se encontrava a poucas apalpadelas, visitar a minha *play-list* e quebrar a quietude com um *rock'n roll* dos bons.

Mas o momento sobrepujava a pretensão. Uma espécie de energia inominável começou a circular pelo recinto, me fazendo sentir a presença de algo ininteligível. Demorei um bom tempo para tentar formular algo que descrevesse a situação. E mesmo assim, nada de concreto emergiu para me tirar das trevas, que além de estarem presentes entre as quatro paredes do quarto, agora também infestavam minha mente.

Foram minutos inquietantes que passei com aquela energia exótica fazendo meus pelos se eriçarem. E, de repente, saí de minha boca a esquisita frase: “*Se for, morrerá!*”

Cheguei a colocar as mãos sobre os lábios para enclausurar posteriores termos alienígenas como o anterior. Felizmente, graças ao meu bondoso Deus, nada mais saiu de minha boca que não fosse de modo voluntário, com exceção do hálito quente de minha respiração acelerada. Falo dessa maneira, pois tenho

certeza que, apesar de ter sido a minha voz a dizer tais palavras, as mesmas não são de minha autoria, nem mesmo o impulso que as fez se materializar.

Permaneci no quarto mais alguns instantes. Peguei o celular e cliquei numa tecla qualquer para que o visor pudesse clarear as trevas. Sem energia elétrica, o ar-condicionado não funcionava e o calor do verão se apoderou do ambiente. Tinha que sair dali. Precisava encontrar um lugar arejado para sentir um pouco de frescor e tentar colocar a cabeça no lugar.

Fui até à grande mesa de madeira nobre nos fundos da residência oficial. Lá estava quase tão negro quanto à escuridão de meu quarto. A diferença era o vento frio que refrescava, assobiando e uivando em lufadas que desganhavam meus cabelos. Raios ataviavam a noite com suas formas breves, seguidos de estrepitosos trovões que rugiam com demasiada violência.

O que mais desejava, ali, solitário naquela mesa, era tentar esquecer o que minha boca deixou escapar momentos antes. Forcei um esquecimento. Tudo em vão. Engendrar uma amnésia é uma tarefa tão improfícua quanto a própria utopia. Ao invés de empurrar a inquietação para antros longínquos e inexplorados, trazia a lume as reverberações mais preocupantes. Demônios em formas de porquês incapazes de serem respondidos.

Se for, morrerá!

No começo, o significado dessa estranha frase se resumia a bulhufas. Esse episódio, tão bizarro quanto sua origem, gritava em minha cabeça com insistência desmedida. Se tivesse consumido álcool esta noite, teria um bom alibi para a elucidação do acontecido. Jogaria a culpa na bebida. Minha mente se conformaria de prontidão, talvez. Seria tudo mais fácil. As pessoas costumam ser assim. Se tiverem um pretexto, mesmo que o mais banal dos pretextos

para explicar seus infortúnios mais gritantes, estas se apegam a essa frivolidade com poderosas mãos. Mas, infelizmente, não existia uma coluna que servisse de apoio. Minha situação era a de um órfão da razão. Um mendicante daquilo que não pode ser doado.

Aproximei-me de uma das extremidades da mesa e apoiei as mãos no parapeito da sacada. Olhei para o céu nublado. Perguntava a mim mesmo onde estaria a explicação para aquilo tudo. A resposta deveria estar em algum lugar no universo. Talvez se encontrasse dentro de meu próprio universo interior. Pressa no zênite de meus primeiros dias como amante da loucura. É isso mesmo. Comecei a achar que estava ficando lunático.

De maneira súbita, a energia elétrica voltou. Não serviu de borracha para apagar aquilo que me inquietava, mas pelo menos pude retornar ao quarto e continuar a ler sobre a história de Villa. Se existe uma coisa capaz de se apoderar da minha atenção, sem dúvida, é a leitura. Através de linhas tecidas com palavras bem colocadas eu sou capaz de esquecer o mundo físico e passar a habitar o mundo descrito em uma narrativa. Aquilo poderia servir para me distanciar um pouco do fato que estava corroendo minhas entranhas.

Porém a leitura do livro de Narloch e Teixeira não passava de um punhado de compilações históricas, fatos reais. Precisava de algo que transcendesse a realidade. Precisava de histórias incríveis que pusessem à prova toda a racionalidade. Algo tão fantástico a ponto de rivalizar com o meu recentíssimo e bizarro incidente. E foi aí que lembrei do texto sobre o casal Perón. Este fora o motivo de eu ter fechado *O Guia Politicamente Incorreto da América Latina* e iniciar uma busca em uma das pilhas de livros da minha estante. Não estava à procura de absolutamente nada sobre Juan e Evita. Já sabia o suficiente sobre o casal para me sentir enojado.

O que me fez aludir ao texto, quase que hipnoticamente, foi um nome dito de passagem, de modo quase furtivo.

Jorge Luis Borges.

Havia comprado um livro do escritor argentino há cerca de uns vinte dias e sabia, não sei dizer como seria a leitura perfeita para me entreter de verdade. Revirando meu acervo pessoal, finalmente encontrei O *Aleph* debaixo de *Crime e Castigo*. Abri o livro com determinação e comecei a me aventurar pela literatura singular de Borges. Senti que alguma coisa me impulsionava a ler, ininterruptamente. As páginas viravam com agilidade ímpar. Cada vez mais rápido. Até que o livro caiu de minhas mãos. Caiu aberto bem ao meio. Sei que pode parecer loucura, mas o livro começou a passar as páginas, sozinho. Até que parou na página 129. O conto... O Homem no Umbral.

Fiquei assustado com aquilo que acabara de presenciar. Peguei o livro com as mãos trêmulas e li o que o mesmo, de maneira inenarrável, parecia querer me mostrar. Não lerei toda a narrativa, mas vou deixar aqui o parágrafo final que fez meu coração gelar, desmedidamente:

“A espada estava suja, porque levava a morte a Glencairn, cujo cadáver mutilado encontrei nas cavaliças do fundo”.

Minhas mãos ainda tremem ao relatar tal “coincidência”. Perdi as contas de quantas vezes indaguei meus pais do porquê de num país de tantos Josés, Paulos, Andrés, Sérgios, Tiagos, e por aí vai, meu nome era um dos poucos que não seguiam os padrões da trivialidade.

Alexander David Glencairn Oliveira Braga, esse é o meu nome. Para aqueles que já leram O Homem no Umbral, sabem que somente o Oliveira Braga, e a ordem do primeiro nome não está correta, de acordo com o nome do personagem do texto borgiano.

Mas a neura já fazia morada em meu espírito, e não deixei de afastar o demônio dessa coincidência demasiado intrigante.

Meu pai tinha falado que meu nome fora escolhido por minha avó. Infelizmente, ela morreu quando eu ainda era muito pequeno, antes de poder perguntar a verdadeira origem para tal escolha. Papai sempre me dizia, em tom de chacota, que se arrependia profundamente de ter deixado a encargo dela a escolha do nome de seu único filho, sendo que nem ele mesmo sabia de onde fora tirado. Mas vovó, segundo meu pai, fazia questão de ressaltar que um dia eu saberia. E somente agora, passados mais de 30 anos, foi que descobri a verdadeira gênese de meu nome, assim como também descobri, por dedução, que ela era uma leitora de Borges.

Mas os laços de semelhança entre David Alexander Glencairn e eu não param por aí. Basta dizer que ele, segundo o narrador da história, também era juiz de direito, assim como eu tinha sido por alguns anos, antes de resolver ingressar na carreira diplomática.

Devolvi o livro a sua pilha de origem, agora colocando-o por cima da obra-prima de Dostoiévsky. As loucas coincidências ainda dançando em minha mente.

Em pouco tempo, nove e quinze da noite, recebi um telefonema urgente do Ministério de Relações Exteriores do Brasil, informando que eu estava sendo transferido provisoriamente da sede da embaixada brasileira em Londres para a embaixada brasileira em Nova Deli. Iria ajudar nas lides de investidores brasileiros que versavam sobre a posse de glebas na Índia. Gaguejei nas últimas palavras que disse ao telefone. E creio... melhor dizendo... tenho certeza que esta noite será difícil dormir.

Juntando as coincidências e fatos, finalmente pareço compreender o que queria dizer aquela frase que saiu de minha boca em meio às trevas de meu quarto. Tratava-se de um aviso.

O vaticínio de uma sentença premente. Entendo, que de alguma forma misteriosamente fantástica, o personagem de Borges materializou palavras em minha boca para alertar sobre o que me espera em solo indiano.

Se for, morrerá!

Essas foram as palavras de David Alexander Glencairn sobre o meu destino, que, seguramente, seriam semelhantes ao seu. Talvez, assim como o personagem agiu sobre mim, também tenha agido sobre minha avó, quando ela entrou em contato com a narrativa de O Homem no Umbral, instigando-a, de alguma forma, na escolha de meu nome. A estranha frase poderia... por que não?, estar escrita em algum lugar inefável, que eu compartilharia do mesmo fim trágico do personagem de Borges. E que, de maneira mais inefável ainda, o próprio personagem estava me alertando sobre a desgraça que cairia sobre mim.

Bom, o voo para Nova Deli já está marcado para amanhã. No fundo, bem no fundo de meu espírito, alguma coisa emite um grito quase surdo, uma voz que chega fraca, dizendo que tudo isso não passa de uma grande paranoia imbecil. Tento dar ouvidos a essa voz diminuta, que passa a tomar mais proporções, à medida que faço as malas para a viagem. Com a bagagem quase pronta, encerro aqui esse tresloucado relato. Tentarei dormir. Uma longa viagem me espera ao amanhecer.

A.D.G.O.B.

30 de agosto de 2000.

Esse foi o último texto do diário de Alexander David Glencairn Oliveira Braga, morto a tiros na fronteira de Brasil e Bolívia por um grupo de narcotraficantes, que o tomaram por

membro da Polícia Federal Brasileira, logo que apareceu por aquela região de selva.

Somente com a morte do diplomata, foi que o Ministério das Relações Exteriores do Brasil soube do paradeiro de seu servidor, que nunca entrou no voo de Londres para Nova Delli, em 31 de agosto de 2000. Nesse dia, Glencairn pegou o primeiro voo que viu pela frente e que o levaria para o mais longe da Índia. Achou a Bolívia uma escolha ideal. Distante da Índia, porém perto do Brasil.

Glencairn atendeu ao aviso de seu semelhante literário. *Se for, morrerá!*, advertiu o personagem de Borges, através da fala dele, mas sem mencionar o lugar de destino, muito menos as circunstâncias da morte. Se tivesse ido para a Índia, ainda poderia estar vivo (quem sabe?). Ou talvez ocorresse simplesmente a troca das balas de uma arma de fogo... por uma lâmina de espada bem afiada.

O PÂNTANO MALDITO

Valdeir Dias de Souza

Comarca de Redenção

O calor intenso de agosto deixava o ar seco, a fuligem das queimadas indiscriminadas tornava o céu cinzento e com um aspecto nebuloso, em toda a região sudeste do Pará. Este clima extremo era um convite quase irresistível para um banho no velho lago da Serra Verde.

O lago da Serra Verde, também conhecido como Pântano Maldito, era cercado por morros íngremes, este por sua vez cobertos por vegetação cerrada e verde como esmeraldas. Uma parte do pântano alagava uma porção da floresta a seu redor, que morria lentamente afogada no lodo fedorento. No local morava um senhor solitário dentro de uma caverna de formação calcária, o nome dele ninguém sabia ao certo, ninguém sabia nem mesmo de onde ele havia vindo, e o porquê. O lago ficava a apenas poucos quilômetros da cidade, sendo possível chegar a ter ele facilmente a pé, o que poucos desavisados se ariscavam a fazer.

O eremita tinha cabelos compridos, com barba longa e branca, seu rosto não tinha expressão, sua pele parecia papel de tão branca. As poucas vezes em que se podia ver esta figura, era durante suas raras idas ao empoeirado mercadinho na beira da estrada na entrada da cidade. O eremita ia até lá para comprar mantimentos básicos, o que acontecia muito raramente, umas duas ou três vezes no ano. Diante de tantas incertezas não faltavam especulações sobre este homem misterioso e sombrio. Suspeitas nada agradáveis recaíam sobre ele. Seu estilo de vida nada convencional para a região, causava estes

efeitos nas pessoas mais velhas da cidade. Durante suas idas ao mercadinho ele falava baixo com um sotaque bastante carregado que ninguém sabia dizer de onde vinha.

Poucos se arriscavam a ir ao pântano mesmo nestes dias quentes de agosto, pelo menos os adultos, já os adolescentes... era outra história completamente diferente. Em seu ímpeto aventureiro típico da idade, os adolescentes não se deixavam amedrontar facilmente pelas lendas do Pântano Maldito. No pântano havia histórias de afogamentos e desaparecimentos sem explicação, acontecidos há muito tempo atrás, narrados pelos pais dos adolescentes locais, mas para estes jovens filhos da era das redes sociais, todas estas histórias não passavam de mitos contados para assustar crianças, eles, os adolescentes, não temiam as superstições dos seus pais acerca do pântano maldito.

– Cuidado com o velho do pântano. O monstro dele vai pegar vocês!

– Não quero vocês andando naquele lugar esquisito. Os pais tentavam em vão dissuadir os adolescentes para que mantivessem distância do Pântano Maldito.

De todas as histórias sobre o pântano a que mais assustava, era a do monstro que vivia em suas penumbras e árvores apodrecidas, sendo alimentado com corpos humanos pelo velho eremita, que diziam ser um bruxo com um pacto selado diretamente com o demônio.

Lendas ou não, o fato era que o dia estava quente o suficiente para se ignorar mitos, e ir dá um bom mergulho no lago com suas águas refrescantes.

Na cidade existia uma moça idealista dos Estados Unidos. A moça trabalhava como voluntária de uma ONG, ela havia trazido recentemente sua filha adolescente para passar uma temporada no

Brasil para aprender sobre outras culturas. A adolescente se chamava Megan e sua mãe, Alicia. As duas eram inseparáveis!

Megan era extrovertida e muito comunicativa, e rapidamente já falava um português arrastado, porém compreensivo, fazendo assim novos amigos também adolescentes na pequena cidade de Santa Maria.

Por ser de uma região muito fria dos Estados Unidos, Megan não recusou o convite dos seus novos amigos para um mergulho no pântano naquela tarde quente de agosto, até porque ela estava totalmente atraída por um certo garoto chamado João. O garoto era alto com traços indígenas e africanos, era brincalhão e estava sempre cercado pelas meninas mais bonitas da cidade, era um tipo de líder natural.

Assim como os pais de João, Alicia não queria sua filha pelos lados do pântano, mas por razões diferentes, Megan não sabia nadar e a mãe tinha muito medo que ela pudesse se afogar nas águas amadeiradas do lago. Alicia não acreditava nos mitos locais, aliás, ela achava muito engraçado as pessoas acreditarem que um velho solitário em uma caverna pudesse ser um bruxo, ou algo do gênero.

Ignorando os conselhos dos mais velhos, a turma de adolescentes partiu em direção ao Pântano Maldito para se refrescarem do calor escaldante. O trajeto foi pura descontração, João como sempre contando as suas piadas e sendo o centro das atrações. Megan não conseguia tirar os olhos azuis daquele rapaz exótico e carismático.

O dia transcorria como outro qualquer enquanto os jovens iam em direção ao pântano. A mãe de Megan e os outros adultos não faziam ideia de que seus filhos estavam indo em direção ao pântano. Os adolescentes haviam fugido da escola,

e todos pensavam que eles estavam em mais um dia de aula na velha escola da cidade.

O velho eremita estava em sua rotina oculta como sempre, sem esperar a chegada de visitantes inesperados, quando começou a ouvir os risos e as conversas dos adolescentes no vale, abaixo da sua caverna. O eremita ficou espantado com a audácia dos adolescentes, mas aqueles jovens ingênuos poderiam ser úteis para ele.

A caverna do eremita era cheia de livros velhos e empoeirados, espalhados por toda a extensão da caverna escura, iluminada somente por velas confeccionadas pelo próprio eremita. Os livros eram cheios de sortilégios, escritos em latim e em outras línguas mortas há muito tempo, como: sumério e grego antigo. O eremita era um estudioso destes encantamentos e sortilégios antigos. Diziam os mais velhos que ele falava com os mortos e com demônios de outros mundos, mundos esquecidos que sobrevivem somente nos pesadelos mais horrendos das pessoas.

O velho eremita se esgueirou por entre os arbustos, para chegar mais perto das visitas ilustres sem ser visto por elas.

– O que elas vieram fazer aqui, questionava o homem a si mesmo com seu português péssimo.

– Mas já que eles estão aqui, não vou desperdiçar a oportunidade! Preciso fazer alguns preparativos para o ritual. Gulaque deve estar com fome, há muito tempo que o mestre não tem uma refeição decente. O eremita continuava a falar sozinho, com um sorriso medonho no rosto distorcido, semelhante ao de uma pessoa que tivera um derrame severo.

– Eu acho que é aqui pessoal! Falou João apontando para uma clareira às margens do lago.

O lago estava lindo neste dia em particular. O céu estava

de brigadeiro lançando sobre o lençol de água uma luz intensa e vibrante.

– *It's beautiful so much.* Megan ficou maravilhada com a beleza do lugar. Sem perceber ela segurou firme na mão de João, que olhou fixamente em seus lindos olhos azuis e, lhe deu um beijo no rompante do momento de euforia. Os outros adolescentes foram à loucura com gritos e risadas.

– Riam enquanto podem, jovens crianças! Pensava da sua caverna o velho eremita.

Sem pensar muito todos ficam de roupa íntimas e se atiraram nas águas frias e amadeiradas do lago. Um dos garotos tinha um violão, e logo começou a tocar.

O recém-casal se beijava despreocupadamente dentro da água, enquanto o tempo passava ao longo da tarde. Também havia outro casal e o rapaz do violão aproveitando o frescor das águas geladas que desciam das encostas para formar o lago.

Alguém da turma percebeu que o horário das aulas havia acabado e deveriam retornar para a cidade, ou os seus pais iriam desconfiar. Foi quando escutaram um barulho imenso ecoando entre os morros. O barulho parecia ter saído do próprio tártaro.

– O que será? Indagaram assustados. Megan abraçou firme João, que por sua vez tentou localizar a origem do barulho.

– Eu quero ir embora. Falou uma das garotas muito assustada.

– Está certo. Eu concordo, precisamos ir embora já!

Enquanto vestiam as roupas apressadamente, outro barulho foi ouvido, porém desta vez mais próximo e bem mais alto.

– Eu deveria ter escutado minha mãe! Este lugar é mal-assombrado. Falou o rapaz do violão visivelmente descontrolado.

– Não fala besteira, deve ser apenas um trovão. Retrucou João não acreditando em suas próprias palavras.

- Trovão neste mês. Impossível, nós estamos fritos!
- Oh my god! Exclamou Megan, em seu idioma nativo.

Do nada começou a emergir das árvores da floresta uma névoa que começou a cobrir a outra extremidade do pântano de onde estavam. A névoa estava vindo em direção do grupo rapidamente, quando começaram a correr para a estrada na tentativa de escapar do nevoeiro. Neste momento um terceiro estrondo que parecia o grito de uma fera enjaulado foi ouvido. As meninas soltaram um grito de medo e os meninos ficaram gélidos de pavor.

O grupo correu o máximo que pôde, mas em vão, em instantes o nevoeiro os alcançou antes de chegarem à estrada. Aquela nuvem espessa não se parecia com nada que já tivessem visto antes, não se podia ver nada depois de uns quatro metros mais ou menos. Dentro da massa branca uma luz começou a emanar do que seria provavelmente o centro do pântano maldito. A luz mudava de cor, em tons azuis e avermelhados em ritmo constantes. Isto prendeu o interesse dos adolescentes que não sabiam direito o que pensar deste fenômeno estranho, que nunca tinham visto antes.

Na frente da caverna do eremita, uma grande fogueira ardia em chamas enormes, enquanto o homem andava ao redor dançando completamente nu, parecendo estar em uma espécie de transe. Seu rosto fazia umas caretas grotescas e pronunciava palavras quase inaudíveis em um idioma desconhecido.

Os pais dos adolescentes não suspeitavam de que seu filhos estavam prestes a presenciar um terror indescritível.

Alicia começou a perceber a ausência da filha, assim que terminou suas atividades no centro comunitário da ONG da qual era membro. Tentou ligar para ela, mas o celular somente dava caixa postal, ela insistiu através das redes sociais, e nada, continuava sem

resposta, mas sabia da quedinha da filha por João, então resolveu ligar para os pais dele. Para sua surpresa nem Megan nem João estavam lá. Os pais do adolescente também já estavam ficando preocupados, pois o filho não estava respondendo às ligações.

A mãe de Megan começou a sentir uma grande preocupação com o que poderia ter acontecido para Megan não dar notícias, não era do seu habito fazer isso, ela sempre dizia para onde ia e a que horas iria voltar.

Em meia hora a notícia do desaparecimento dos adolescentes se espalhou na cidade. O alvoroço começou a se misturar com as primeiras lágrimas das mães desesperadas. Foi quando uma criança que ouviu João combinando com os amigos uma ida escondida ao Pântano Maldito, disse:

- Foi eu ouvi, eles disseram que iam!
- A Megan também foi? Questionou Alicia.
- Sim, ela estava junto, tia!

Imediatamente o único policial da cidade de plantão foi acionado para fazer uma busca pelos adolescentes desaparecidos. Também foi organizado um grupo de homens nas buscas. Alicia com muita insistência conseguiu ir junto com todos os homens, que estranhamente portavam armas.

De repente, tudo ficou em silêncio nas margens do Pântano Maldito, não se ouviam pássaros, rãs ou o barulho vindo da margem oposta aos adolescentes. Um frio que parecia ter saído de dentro das lendas nórdicas sobre o fim do mundo, começou a tocar os corpos dos adolescentes.

Os adolescentes ficaram paralisados por alguns instantes, foi então que João decidiu tomar uma atitude.

- Precisamos sair daqui pessoal, me sigam!

Mesmo sem enxergar os instintos de João sabiam que

eles não deveriam ficar ali. João mesmo sem rumo começou a tentar a char o caminho que os levasse para longe daquele lugar apavorante.

Eles ainda não sabiam, mas não estavam sozinhos. Olhos vermelhos como sangue espreitavam na névoa, famintos e cobiçosos.

Quanto mais os adolescentes corriam, mas parecia que não saíam do lugar.

Alguém avistou o que apreciava uma imensa fogueira cortando a névoa com sua luz.

– Olhe, vejam uma luz, pode ser a saída!

– Vamos, vamos, go, go! Falou muito nervosa Megan.

A luz parecia vir da direção da caverna do velho eremita, contudo os adolescentes ignoravam o fato da localização da caverna do eremita. Talvez não estivessem muito preocupados com o fato, o que desejavam, sem sombra de dúvida, sem dúvida alguma, era chegar a local seguro para esperar a névoa se dissipar.

Enquanto subiam a encosta do morro em direção à luz, perceberam um som estranho vindo logo abaixo deles. Um som parecido com de um animal rosnando, muito similar com o som dos lobos famintos. Com medo o grupo aumentou os passos conseguindo finalmente chegar até a entrada da caverna, onde foram iluminados pela luz da imensa fogueira.

De alguma maneira a névoa gélida recuou ao ser atingida pela luz da fogueira. Um breve alívio tomou conta de todos ao perceber que não escutavam mais o som estranho, e que não eram mais perseguidos pela névoa.

Os pais dos adolescentes chegaram rapidamente ao local do pântano maldito, mas não havia névoa nem barulhos

esquisitos. A tarde estava deslumbrante com um lindo pôr do sol, como em outro dia qualquer daquele mês. O cabo Francisco chefiava as buscas, e foi ele que encontrou chinelos e tênis à beira do pântano, jogados por todos os lados, como se alguém tivesse saído rapidamente do lugar.

Os jovens sentiam um alívio enorme, quando das sombras um monstro saiu de assalto agarrando o rapaz com o violão. O adolescente desafortunado teve suas entranhas perfuradas. Órgãos eram atirados em todas as direções salpicando os outros adolescentes de sangue. Os olhos do coitado estavam revirados e sem vida, a rapidez do ataque não deu chances para o rapaz esboçar uma defesa, ou mesmo sentir a dor da morte. O corpo foi rasgado pelas garras do monstro, que jogou o que restava de corpo humano pela encosta, o rosto do infeliz estava ensanguentado. Diego era o nome dele!

O monstro era colossal, com garras afiadas, e escamas gigantescas, seu olhos emitiam um azul penetrante e sua face era a mistura de um réptil com uma lesma gosmenta. Por um instante este monstro perdeu o interesse no grupo de amigos. Mas este alívio foi momentâneo, o monstro novamente perseguiu o grupo soltando urros medonhos. Quando finalmente encontrou o grupo, abriu a sua enorme boca e mostrou seus dentes banhados por uma saliva gosmenta. Em um ato de bravura João, agarrou o violão do morto e golpeou com todas as suas forças a cabeça da criatura. O ser grotesco pareceu não acreditar na ousadia do rapaz.

Corram, corram! Eu vou atrasá-lo!

Eu estou aqui, monstro! Venha me pegar!

Desobedecendo João, o resto do grupo pegou pedras, e começaram a atirar no ser grotesco! Ao ser atingido no olho, o

monstro soltou um grito e todos tamparam os ouvidos com o seu urro de dor.

Aproveitando o momento de distração da criatura, o grupo se esgueirou e voltou em direção a saída da caverna, quando foram interrompidos pelo eremita que se pôs na entrada da caverna bem próximo da fogueira, que dançava com suas chamas enormes e assustadoras.

Como o seu português horrível, o eremita gritou:

– Vocês não tem escapatória! Minha criança está com fome, e vocês são o jantar.

Após estas palavras, risos estridentes saíram da boca desdentada do eremita.

Enquanto tudo isso acontecia, os pais dos adolescentes vasculhavam o pântano na esperança de encontrá-los com vida.

Vendo os adolescentes distraídos com o eremita o monstro fez uma nova enervada contra o grupo. O monstro atravessou o corpo do garoto que segurava a mão da sua namorada levantando do solo, enquanto o pobre coitado pedia por socorro, cuspiendo sangue por todos os lados da caverna.

– Não, me soltem! Estas foram as ultimas palavras do adolescente antes de ser arrastado para o interior da caverna. Pablo era seu nome, coitado nunca mais veria a luz do sol novamente.

– Your damm (seu maldito)! Gritou Megan.

O grupo restante partiu com fúria em direção ao eremita que segurava um livro velho sobre as mãos.

João entrou em luta corporal com o velho eremita. João pensou que iria derrotar facilmente aquele idoso de aparência frágil, mas ele estava redondamente enganado. O adolescente musculoso golpeou o velho com o que tinha restado do violão, e pareceu que nada o tinha atingido. O eremita então revidou

arremessando João contra a parede como se fosse um boneco de pano. Com o impacto João ficou desacordado. No entanto com a ação o velho havia deixado cair o livro a beira da fogueira, que logo começou a se incendiar. Quando as primeiras chamas tocaram o livro o eremita começou a se retorcer de dor, como se estivesse sendo cravado de fechas flamejantes.

Megan e a outra garota percebendo a relação entre o eremita e o livro correram na direção do livro para jogá-lo de vez nas chamas. Neste mesmo momento, o monstro irrompeu da escuridão cravando suas garras nas pernas da garota ao lado de Megan, que gritou de dor, contudo Megan nada podia fazer para ajudá-la. Megan continuou e foi em direção ao livro, quando estava finalmente chegando até ele foi derrubada pelo Eremita que se lançou sobre ela, sendo repelido por um chute no estomago, que desta vez estranhamente mostrou ter causado dor no Eremita.

Alcançando o livro Megan o segurou o com as suas duas mãos acima da sua cabeça e o jogou na fogueira com todas as tuas forças. Ao tocar o fogo o livro deixou as chamas azuis em um esplendor radiante iluminando todo o pântano maldito. Os pais dos garotos inclusive a mãe de Megan, virão o clarão e foram em sua direção.

Depois de expandir-se ao máximo, a luz retrocedeu novamente à fogueira, explodindo em uma grande bola azul com raios e destroços arremessando o eremita, Megan, João e a garota sobre o julgo do monstro, a uma boa distância.

Ao chegar na caverna, Alícia, o policial e o restante dos pais, não puderam acreditar na cena a qual estavam presenciando. Havia restos de corpos humanos espalhados por todos os lados para que se olhassem, vísceras e muito sangue dominavam o cenário de horror.

Ao entrar mais profundamente na caverna, o grupo localizou Megan, João e a adolescente de nome Eduarda. Megan e João pareciam não ter ferimentos graves, mas Eduarda estava com sua perna direita completamente dilacerada, esfaqueada com se tivesse sido rasgada por cães ferozes, mas estava com vida.

Não havia qualquer sinal do monstro Gulaque ou do seu mestre, o Eremita.

Depois de três dias de coma os adolescentes acordaram e narraram os minutos de terror que viveram. Os mais velhos da cidade acreditaram, mas houve os céticos sobretudo as autoridades, que desconfiaram da história dos adolescentes e os queriam acusá-los de assassinato em um ritual de magia negra que saiu do controle.

Por medo de represália, Megan e Alicia retornaram rapidamente para os Estados Unidos. Os pais dos outros dois sobreviventes mudaram para a cidade de Belém e tentaram recomeçar, esquecendo o horror e sobretudo as acusações de algumas pessoas e da mídia.

Megan e João nunca esqueceram um do outro, casando poucos anos depois, já Eduarda tornou-se uma proeminente antropóloga, mudando-se também para os Estados Unidos. Hoje os três são amigos inseparáveis, mas nunca esquecendo os horrores daquele fim de tarde, no Pântano Maldito.

Mas uma pergunta nunca teve resposta para os três amigos; qual terá sido o destino do Eremita e da sua criatura, o monstro Gulaque.

O MISTÉRIO DO RIO

Valdeir Dias de Souza

Comarca de Redenção

Histórias contadas ao pé da cama ou em noites quentes de verão junto à fogueira durante séculos assustaram crianças por gerações. Quando adultos, estas mesmas crianças, esquecem, sublimam as histórias, que de tão horríveis e fantásticas são relegadas a categoria de mitos.

Quando criança, cresci ouvindo estas histórias, meu pai as adoravam, creio que ele sentia um certo prazer ao ver minha expressão de medo.

Eu gostaria de afirmar que tudo teve início com uma história linda e triste de superação com um pai ausente, mãe doente mental, irmãos menores, mas o fato é que minha vida foi muito comum para uma família de classe média no Brasil. A não ser pelo fato de ter tido um pai extraordinário, um verdadeiro Indiana Jones para mim.

Como antropólogo fazia parte do trabalho do meu pai conhecer mitos, culturas chamânicas, religiões antigas e seres esquecidos no tempo... minha irmã e eu contávamos os dias para a nova história. Nossa casa era revestida por figuras egípcias, romanas, indígenas...eu adorava, era o único da escola que tinha um pai com um trabalho legal!

O fantástico fez parte da minha infância, sempre tinha um livro novo pela casa, meu pai foi um ávido leitor, certamente foi a pessoa mais apaixonada pelos livros com que tive o prazer de conviver.

Lembro-me, certa vez, de meu pai ter contado uma história

sobre uma lenda particularmente curiosa sobre um monstro que habitava o rio Parnaíba, um ser grotesco, com a pele escura, cabeça grande, pescoço fino e tamanho descomunal. Um humanoide, com sede por sangue humano. Meu pai o chamava de Cabeça de Cuia, velha lenda de caboclos ribeirinhos. Eu sempre pedia para ele me contar essa história horripilante.

A lenda do Cabeça de Cuia para mim sempre foi a melhor de todas, mas o tempo passou, eu me tornei um adulto e entrei na casca do ceticismo, deixando de acreditar em lendas e fábulas. Mas nunca deixei de gostar destas lendas. Como meu pai me tornei um ávido leitor, mas sem o gosto por aventuras insólitas em terras distantes. Eu me tornei um biólogo pesquisador.

Como pesquisador da Companhia do Vale do São Francisco, eu passei a ter uma enorme paixão pelos rios do nordeste. Logo que pude comprei uma casa às margens do rio Parnaíba, uma casa com uma bela varanda, um quintal com pés de manga e uma boa área para nossas filhas brincarem com o nosso cachorro Bob. Sempre que podia passava um bom tempo neste refúgio com minha jovem família.

Como bom mineiro, sou apreciador de uma boa cachacina, e durante as férias fiz amizade com um pescador local, que me fazia lembrar do meu velho pai.

Vez ou outra eu e o senhor Antônio íamos a um barzinho no centro da cidadezinha apreciar uma boa pinga nos dias de ócio.

– Rapaz tu comprou mesmo aquela casa dos Silva na beira do rio? Perguntou seu Antônio entre goles de pinga.

Tomei um gole também e respondi:

– Claro, estava muito barata e é um pouco afastada, do jeito que eu gosto, longe do barulho das cidades grandes.

– Não te falaram da lenda daquela casa não? Há muitos anos um dos Silva vivia lá com sua esposa e suas filhas. Em um dia, ao cair da noite, Silva e a mulher deram por falta da filha mais velha que gostava de pescar, logo ali por perto desta da casa.

– O casal escutou um grito vindo do rio, foi aí que Silva pegou sua espingarda e correu para o rio, quando chegou lá viu uma criatura arrastando a sua filha para dentro do rio. Ele ainda tentou atirar, mas não conseguiu, teve medo de acertar a filha.

Comecei a rir de imediato do Antônio, ele tinha a fama de ser uma grande mentiroso na cidade com suas anedotas...

– Antônio só você mesmo para me fazer rir assim. Risos ecoaram pelo barzinho.

– Homi, estou dizendo a verdade. A Cabeça de Cuia é real. Ele quer quebrar a maldição que se abateu sobre ele, uma praga jogada pela sua mãe para que ele se tornasse um monstro. A única forma de volta a ser gente é capturar sete Marias.

– Sete Marias? Meninas virgens?

– Sim senhor! Se eu fosse o senhor teria muito cuidado com as suas filhas andando sozinhas pela beira do rio.

Mais risos.

Não pude deixar de lembrar do meu pai tentando me assustar com essa mesma história do Antônio.

– Mas me diz Antônio, o que aconteceu com o Silva?

– Ficou louco de tanto tentar achar o bicho para tentar matar e vingar a filha.

Ele já devia ser louco antes, pensei!

Alguns dias se passam e já havia me esquecido da conversa com o Antônio naquele dia, quando decidir sair para passear com minhas filhas e o nosso cachorro Bob pela margem do rio

como sempre fazíamos nos fins de tarde. Minha esposa ficou em casa preparando o nosso jantar.

Enquanto caminhávamos as meninas se afastaram um pouco de mim, então sentei e fiquei olhando para rio jogando pedras nele, foi quando de repente uma figura com olhos gigantes-cos emergiu lentamente do rio e olhou fixamente sem se mexer para minhas filhas.

Eu entrei em pânico e corri na direção delas chamando por seus nomes.

As meninas olharam para mim sem entender nada, quando voltei minha atenção para o rio não havia mais nada, a figura havia desaparecido completamente.

Como cientista, tenho a tendência de ser cético, mas tenho certeza do que eu vi naquele dia. Infelizmente minha esposa achou tudo muito engraçado, riu bastante, depois me mandou ir banhar para jantar. Durante o jantar virei motivo de piada até para minhas filhas.

As férias acabaram e voltamos a nossa rotina na cidade grande, e nunca mais voltamos ao assunto, com o passar do tempo até mesmo eu comecei a duvidar se realmente não tive uma ilusão causada pela história que havia ouvido antes do Antônio.

O SORRISO DA PRIMAVERA

Augusto Cesar Doroteu de Vasconcelos

Comarca de Santarém

Há dezesseis anos, a vida daquelas pessoas se transformara. O inverno rigoroso e ininterrupto cederá com a chegada de uma brisa agradável, que abra o céu, deixando os raios de sol aquecer a terra e a pele daquela gente. O branco gelo derreterá, dando lugar a um verde pincelado por múltiplas cores e formas. Lindos pássaros surgiram em revoada. Enormes cachoeiras, rios e lagos de águas quentes ajudavam a compor a nova paisagem. Esse dia coincidiu com o nascimento de uma menina, que veio ao mundo sorrindo. Ela foi batizada de Primavera. Desde este ano, o inverno alternava-se no povoado com a primavera. O aniversário da garota, que também marcava a chegada da nova estação, era o dia mais esperado por todos. Tradicionalmente, festejava-se com uma grande festa.

Como de costume, a jovem Primavera passava de casa em casa com o convite em mãos, endereçado a cada um dos conterrâneos. Todos aguardavam ansiosos por sua visita. Primavera era recebida com honras de uma rainha. Ninguém das famílias ousava se ausentar da casa no dia do convite. Seu sorriso, que desde o primeiro instante cativara a todos, aquebrantava o coração do mais rude dos homens, congelado pelo frio seco do inverno, anunciando a chegada dos festejos. Não havia no povoado alguém que não nutrisse por Primavera carinho tão forte. Todos a tinham como uma filha, irmã, neta, amiga. Por outro lado, o afeto e o clima familiar impediam que os rapazes a desejassem como mulher.

Neste ano, Primavera saindo da última visita percebera uma casa até então desconhecida. - Como não me recordava daquela família? Ela se perguntou -. Ao chegar à varanda, percebeu que a porta estava aberta. Batera palmas, mas aguardara em vão. Intrigada, observou que a casa estava vazia, não havia mobília. Mas para sua surpresa, escutara ao fundo um choro. Pedindo licença, entrou e foi em busca daquele que estava sofrendo. No quintal dos fundos, encontrou um rapaz sentado em meio ao descampado com a cabeça entre as mãos, soluçando. Apesar de não poder ver seu rosto, tinha certeza que não o conhecia. Primavera tinha um dom especial de se relacionar com as pessoas. Ela se aproximou, sentou-se ao lado dele e permaneceu em silêncio. Esperou ele se tranquilizar um pouco e perguntou:

– O que tanto aflige seu coração?

Ele levantara a cabeça e seus olhares se encontraram pela primeira vez. Os dois sentiram uma sensação até então desconhecida por ambos. Uma conexão de almas. Retomando o fôlego, ele falou:

– Eu sinto o quanto eu faço as pessoas sofrerem. Eu levo embora suas alegrias, eu estrago seu bom-humor. Eu destruo suas colheitas. Eu trago doenças.

Primavera, sentindo uma empatia enorme pelo rapaz, falou:

– Desculpa, mas a mim e a minha família você nunca causou nada disso. Como você se chama?

De maneira acanhada, ele se apresentou:

– Eu me chamo Inverno.

Para a surpresa do rapaz, ele percebera o quanto os olhos da jovem brilharam ao escutar seu nome, seguido por um sorriso que nunca vira igual. Levantando-se, ela disse:

– Você não faz ideia do quanto eu gosto de sentar diante da lareira, de tomar um delicioso chocolate quente para arrebatar o frio. O quanto é gostoso vestir casacos chiques, aquelas botas enormes. O quanto é divertido brincar na neve.

Assim, ela enumerou ao rapaz tudo de bom que o inverno traz, contagiando-o de emoção, coragem e autoestima. Ao final, ela disse:

– Venha, amanhã é meu aniversário. Tenho muito o que fazer. Gostaria que você me ajudasse nos últimos preparativos.

Ela lhe esticou a mão, ajudando-o a se levantar. Suas mãos permaneceram unidas durante toda caminhada. O restante do dia foi mágico para ambos. No dia da festa, Primavera não conseguiu disfarçar sua ansiedade até o Inverno chegar. Foi correndo ao seu encontro. Seu sorriso brilhava como nunca. Deu-lhe um abraço longo e apertado, seguido de um beijo no rosto. De mãos dadas, Primavera o conduziu, apresentando-o a todos os presentes. Cada um ao seu modo, relatou uma lembrança feliz do inverno, deixando o rapaz orgulhoso de sua identidade. Ao final da festa, a sós e ainda de mãos dadas, seus olhos se encontraram novamente. A noite se fez silêncio e o tempo se fez espera... até seus lábios encontrarem a mesma conexão do olhar. Aquele beijo disparou uma avalanche em suas almas, transbordando seus corpos. Ao se olharem novamente perceberam que Primavera e Inverno juntos poderiam fazer um lindo verão.

FULANO DO MORRO

Thomas Davi Conceição Araújo

Redenção

Estava mais uma vez no seu lugar predileto. Segundo ele mesmo dizia, aquele setor recebeu seu nome graça à tipologia geográfica das serras. Nasceu e cresceu subindo e descendo aquelas serras do chamado Bairro do Serrinha no município do sudeste paraense chamado Redenção.

Ele parou à beira do barranco arborizado e olhou para sua direita o sol brilhante do mês dos festejos juninos em comemoração a São João e São Pedro. De cima da serra via-se que o cenário da festividade junina se fazia visível por diversos pontos da cidade. Eram bandeirolas, balões, barracas, quadrilhas e outros elementos típicos desse tempo do ano.

Sentiu o gosto do sal tocar seus lábios e seus olhos arderem, era o suor que corria. O sol belo o deteve por minutos em cativa contemplação. Não percebeu a revoada de urubus à suas costas em função de um grupo de religiosos que cantarolavam algo sobre uma pedra num ponto de observação mais longe do local em que estava o Senhor Fulano do Morro.

Suas canções eram entoadas em alto e desafinado tom, pouco importando se os animais silvestres estavam sofrendo com aquilo. A isso Seu Fulano não teve como deixar de notar.

- Somos animais por demais prepotentes. Bons tempos quando era apenas eu, a serra e nossa paz celestial!

Olhando para o horizonte avistou outras serras que circundavam sua cidade querida. Seu silêncio fora quebrado por um suspiro longo daqueles que lembram um profundo momento de

prazer. Baixando um pouco seus olhos castanho-arredondados vislumbrou ruas e construções da pequena cidade de 65.000 moradores. Da serra era possível se ver toda ela dum só golpe de vista.

Era berrante sua geografia sociocultural de desigualdades e colonização. Via-se o estádio de futebol, comércio, igrejas, serrarias, a feira coberta, o frigorífico, a feira agropecuária e as inúmeras fazendas de produção do gado para o consumo exportador da carne com suas imensas terras cultivadas de pastos. Quase tudo naquela paisagem era invasor, de nativo apenas uns poucos índios em profundo estado de assimilação.

Risos, surgindo do lado direito das costas do moço o grupo de religiosos. Alguns trajavam roupas casuais e outros tantos vestidos nos conhecidos trajes de costume – paletó, gravata, calças e sapatos sociais. Um deles, após tomar seu último gole d'água, atirou, naturalmente, a garrafa vazia ao chão. Olharam o senhor Fulano, cumprimentando.

– A paz de Deus!

– A paz irmãos!

Eles não pareciam ter gostado de ver que o moço possuía em seu pescoço, sob a camisa tingida de azul e branco, um rosário e quando já estavam ao longe gritaram:

– Não adorarás ídolos! ... Jesus tá voltando!

O moço, meio constrangido, coçou a cabeça e se pôs a caminhar para a parte mais alta do morro. Pelo caminho via itens e mais itens esquecidos pelas pessoas que vão àquele lugar para procurar aventura, exercício, ou encontro com Deus ou fazer fosse o que fosse, ali parecia um lugar sagrado.

Ao chegar ao topo apenas um macaquinho, as pedras e as árvores foram testemunhas da ação do Senhor Fulano que

retirou do bolso da bermuda de tecido fino preto uma grande sacola, sacudiu-a ao ar e abaixando-se saiu catando um a um o lixo pelo chão da serra. Era parte do seu ritual cotidiano, após o exercício da subida e a contemplação da vista, apanhar o lixo que encontrava na serra.

Percebeu esta necessidade quando viu uma senhora, que ele desconhecia até o momento, cair naquela serra por ter pisado numa garrafinha de refrigerante e ir direto ao hospital, ela ficara em estado vegetativo até sua morte total.

Por esse motivo, e fundado na fé de fazer o bem a todos, direta e indiretamente, ele resolveu unir seu prazer em subir a serra ao hábito de catar o lixo que se encontra pelo caminho.

Já se fazia 5 anos desde que ele começou a fazer aquilo. Até apareceu na época um nota pequena num jornal falando da atitude, mas hoje ninguém lembrava mais das ações nobres e altruísticas dele. Teve um dia em que ele chegou a trazer morro a baixo, numa decida de cerca de dois quilômetros, cerca de 50 kg de lixo. Nesse dia ele teve que dormir dopado por remédios.

Naquele dia sua sacola já somava cerca de 5 kg e não havia mais lixo em seu campo de visão. O senhor começou assim sua descida. Era ele e seu saco de lixo indo vagarosamente.

– Como vai Seu Morro! falou desdenhosamente um jovem que subia a serra.

– Vou bem, meu jovem!

Um vento soprava e a vegetação estava um tanto seca. O ar estava revoltoso e fazia a natureza bailar frenética ao seu compasso. O jovem sentado sob uma árvore ficou aguardando seus amigos, haviam combinado de ir lá tirar umas fotos para seus perfis da net. Ele se adiantou porque desejava ficar um pouco só. Ele ainda viu o Senhor Fulano sumindo pela trilha.

Sorrindo deitou sobre a pedra e adormeceu repetindo consigo:

- Velho maluco esse...

Seu Fulano naquele dia passou mal ao chegar em casa. Ele tinha problemas de pressão e somente veio a si no meio do dia seguinte, dentro de um quarto de enfermaria do Hospital do Estado, momento em que uma voz rouca vindo da TV dizia: _ Jovem de 15 anos morrer carbonizado no maior incêndio registrado até hoje na serra do setor Serrinha. A principal suspeita foi de que o incêndio foi causado por um caco de vidro que intensificou os raios de sol aquecendo a vegetação que pegou fogo!

– Pensar que tinha um Senhor que vivia a dizer da necessidade do cuidado com o lixo deixado pelas pessoas que frequentam aquele belo lugar! Disse o enfermeiro de meia idade para um dos pacientes deitado ao seu lado.

Foi aí que Seu Fulano se sentiu um tanto que SUPER-HERÓI, numa felicidade silenciosa, virou-se para voltar a dormir e não mais levantou.

MORRER VIVENDO

Luis Marcelo de Araújo Pedroso

Comarca de Belém

Na primeira vez, fiquei em choque. O impacto da morte é impressionante. Com sangue, ou sem sangue, é amedrontador ver um corpo ali, sem vida, pálido, eternamente imóvel. Foi um atropelamento, nunca vou esquecer. Rezei. Papai falou para eu sempre olhar para os dois lados da rua na hora de atravessar. Nem sempre segui esse conselho.

Na segunda vez, fiquei muito assustado. Foi um afogamento. Eu também tomava banho naquelas águas. Novamente o corpo pálido, cinzento e sem vida, boiando no lago. Meu pai estava comigo me dando coragem e proteção, já que eu era ainda uma criança.

Na terceira vez, foi choque elétrico. Sujeito subiu num poste para pegar pipa. Foi feio, porque o corpo ficou muito queimado. Eu estava correndo na rua. Em casa brigaram comigo como se eu que tivesse subido aquele poste, nunca mais gostei de papagaio.

Das outras vezes, não lembro mais do tempo certo que vi a morte, porque foram tantas e tantas que perdi a conta. Mas lembro das vidas. Lembro sim de todas elas. Um vizinho que vendia açaí, leucemia. Um garçom, pai de meus melhores amigos de infância, leucemia. Minha avó, coração. Minhas tias, coração. Um amigo de infância, doença desconhecida. Outro amigo, aneurisma. E assim se foram tantas pessoas próximas. Existem muito mais vidas que partiram tão rápido quanto chegaram e outras que se demoraram um pouco mais.

Mas algumas vidas me chocaram pela partida. Algumas vidas que estavam ansiosas demais para ir embora. Umas pela imprudência, outras pela dor e pelo medo de uma existência sem sentido.

Depois, fiquei quase indiferente. Como em uma floresta de altas árvores, vi muitas vidas tombando no grito silencioso de suas famílias. O resto do mundo não ouvia nada. Eu não ouvia nada se propagando além do estrondo da queda. Só via as pinturas, sombras da morte, faíscas da vida.

De uns tempos para cá, a vida e a morte banalizaram-se. O nascimento de um bebê não é mais festejado. Hoje, é apenas mais uma criança que um dia vai morrer, se filho de pobre, na miséria marginal, se filho de rico, morrerá do mesmo jeito, talvez com um pouco mais de conforto material.

Talvez porque sejamos muitos, oito bilhões de consumidores vorazes, devorando o planeta como uma lagarta devora uma grande folha, não ligamos mais para nada, a não ser para o que está mais próximo. Talvez por isso, não ouvimos os gritos que vêm de tão longe, de outras pátrias. Não ouvimos nem mesmo os gritos aqui de dentro de nossa casa.

Não se trata de endeusar a morte ou o morto. Muito menos de banalizar. Trata-se de respeitar a morte. A morte é o fim de uma existência até onde conhecemos. Não significa esquecimento.

Pior é não dar atenção necessária aos vivos. É trabalhar feito um condenado e esquecer de viver. Dizer que não tem tempo ou pior, não dizer nada e ficar calado nas horas mais importantes. Não dizer um “eu te amo” de verdade e não por paixão.

Tanto medo de morrer e se vive pela metade por medo de errar. Não se apaixona por medo de sofrer. Não se arrisca porque

não quer correr o risco de perder. E assim se vive sem viver. Se morre sem querer. Inteiramente pela metade.

Não posso dizer que me acostumei com a ideia da morte, principalmente rondando os entes queridos, mas é uma realidade da qual não se pode fugir. Contudo ninguém se prepara ou está preparado para isso. Acontecerá e pronto. Mas estou me acostumando com a ideia da vida. Beijar, abraçar, falar palavras de carinho verdadeiras, ser companhia, ser filho, ser irmão, ser marido, ser pai. Certamente isso aliviará um pouco mais qualquer momento final.

A CADEIRA DE EMBALO, A JANELA E A VIDA

Bernardo Menezes da Silva Júnior

Comarca de Belém

Parece que com o passar do tempo, a gente vai deixando de frequentar alguns lugares e alguns ambientes. Não me refiro aqui à padaria da esquina ou à barbearia, mas àquele cantinho da casa em que encontramos aquela velha e duradoura cadeira de embalo.

Pouca gente se dá conta também de que ela já serviu a tanta gente e em muitos momentos da vida. Outro dia estava em casa e abri a caixa de fotografias e encontrei algumas em que lá estava ela. A fotografia estava meio amarelada nas bordas, mas a cadeira de embalar estava novinha. Foi nesse instante que me dei conta de alguns detalhes, me dei conta das pessoas que estavam nela, me dei conta de tudo que passara, me dei conta da vida que passou.

Peguei uma fotografia em que estava minha avó. Na fotografia estava segurando a minha irmã mais velha. Naquele dia, acho que era uma tarde ensolarada de sábado, pois minha mãe sempre dizia que era o dia em que minha vizinha visitava a gente. Ela dizia também que naquele cantinho da casa é que ela gostava de nos embalar, acho que devia ser também, por conta do vento que entrava pela grande janela que tinha na casa.

Depois peguei uma outra fotografia, essa era da minha mãe. Na foto, minha mãe passava a mão delicadamente em minha cabeça e eu segurava a bochecha dela. Minha mãe dizia que eu tinha o costume de fazer isso. Dessa época, não tenho muitas recordações, apenas consigo me lembrar de sentir o embalo da

cadeira no colo da minha mãe, o vento que entrava na casa. Lembro também de um vestido estampado com flores que minha mãe gostava de usar. Jamais esqueci esses momentos vividos.

Numa outra fotografia que peguei, estávamos todos lá sentados e disputando o melhor lugar, o centro mesmo. Somos três e era engraçado como eu e minhas irmãs escolhíamos sempre aquele lugar para fazer quase tudo de lazer, desde um simples embalo, até o lanche da tarde. Era engraçado também como a cadeira de embalo comportava a todos nós lá.

Todas essas lembranças passando pela minha memória, me fizeram refletir como a cadeira de embalo até hoje convive em nosso lar, meio envelhecida, às vezes desgastada, mas foi testemunha de muitos momentos bons e agradáveis que vivi ao longo de minha vida.

Acho que em muitas casas hoje ainda se encontra uma cadeira como essa, acho que antigamente era o canto da casa em que se proseava com os avós, os pais, os irmãos. Era um momento de brandura ao ver o tempo passar. Grande era a cadeira de embalo, que ajudou a cultivar meu lar.

PRESENTE DITADURA

Raiza Kempfer Pantoja

Comarca de Belém

Continua o esforço, mas é inevitável. Amiúdo, as lágrimas lhe correm pela face, todavia eram diferentes. Assemelham-se a gotas de sangue que escorrem do machucado. Talvez não sejam sentidos, mas sabemos que de onde surgem há uma ferida. Às vezes, permanecem cicatrizes.

Nesse contexto sua alma e mente transcenderam, estavam em uma lembrança que poderia ser metaforizada a pesadelo. Localiza-se no Brasil, o domingo também é chuvoso, mas mortes, torturas, censura. Voltara ao ano de 1974, a ditadura era hegemônica.

Nessa data ela ainda possuía a capacidade de andar, mas mesmo que corresse não escaparia dos militares. Seu marido, um dos líderes do partido comunista, estava alguns metros à sua frente. Irreconhecível, conseguiram pela violência física deformar aquele homem que no passado detinha uma aparência *Homo sapiens*.

Lígia gritava, chorava lágrimas que permaneceriam por toda sua vida, não havia ombro amigo. Talvez até a morte não conseguisse trazer a paz.

A inconformação e raciocínio mútuos: aquele era o estado que Tomas Hobbes defendia? Em seu Contrato Social tal cláusula era permitida? Tentava se acalmar, mas pensar naquele caso não era condição de existência. Descartando René Descartes optou por Paul Sartre “o inferno são os outros homens”.

Qual foi o crime?! Lutar pelo direito da liberdade de expressão.

O problema residia em como executar tal “desacato à paz social”. Ou seja, ela apenas havia cantado em voz audível a música do seu cantor preferido: Chico Buarque.

Sentia falta da época populista, das reformas de cunho socialista executadas por Vargas... Também participara em 1968 do movimento artístico Tropicália. Mas não acreditava que o fim seria este que estavam presenciando.

Agora era sua vez. Eles a seguraram, a injeção foi aproximada de sua perna. A melodia de Chico tentava envolver sua mente na psique. O corpo do marido. O sangue. O nervo. A dor.

Um barulho. De repente, a porta abre. Rogério, seu esposo, a convida para jantar. Ele percebe sua melancolia. Indaga o motivo. Lígia olha a foto, lê a dedicatória: “Com carinho, Francisco”. Ela o abraça, afirma ser a apenas a sensibilidade feminina. Rogério compreende. Juntos eles caminham. Contudo, Lígia apenas almeja que um dia este cálice seja dela afastado, o silêncio interrompido. O vinho tinto de sangue não mais espalhado.

AMBIVALENTES

Liege Teixeira Lira

Comarca de Belém / Fórum Distrital de Icoaraci

Hoje parei para pensar nos lados da vida, ou melhor, nos lados que escolhemos para escrever nossas vidas.

Do que me lembro, sempre escrevi com a mão direita, e nunca com a esquerda, sendo, portanto, considerada destra como a maioria das pessoas.

Os canhotos, para mim, eram pessoas especiais, que escreviam de um jeito diferente despertando meu interesse, como se houvesse uma espécie de mágica no fato de escrever com a mão esquerda.

Pensando nisso, veio-me a súbita curiosidade de saber se conseguiria escrever com a outra mão, ser canhota. Por certo, teria de aprender a desenhar as letras com a outra mão, treinar minha caligrafia até que ficasse similar a da mão direita ou no mínimo razoável. E seria eu capaz de me colocar em uma nova situação de aprendizagem, uma mudança de perspectiva, por assim dizer?

Foi aí que surgiu mais um questionamento, por que chamam as pessoas que escrevem com as duas mãos de ambidestras? Afinal, nunca ouvi falar de ninguém que tivesse duas mãos direitas. Então, por que razão o lado canhoto deveria ser suplantado pelo direito, e o sujeito se tornar ambidestro?

Ao que me parece, o sujeito dito ambidestro foi aquele corajoso o suficiente para se permitir não ser igual aos outros, é o indivíduo que tem liberdade para ora optar por um lado, ora por outro, não aceitando a imposição externa de ter de escolher, eternamente, um lado.

Assim, sugiro que a essas pessoas seja aplicada uma nomenclatura diferente, que sejam elas ambivalentes, sim, ambivalentes, no sentido de serem duplamente destemidas, e não se renderem aos padrões impostos, pois na escrita, assim, como na vida, precisamos ter liberdade de transitar entre os lados, mudar de ideia, e mesmo errar, sem que isso nos deixe amedrontados e com receio de conhecer o novo.

A IDENTIDADE DO AMOR

José Luiz Storni da Silva

WebRádioJus

Beijar; podemos beijar qualquer um, mas cheirar pra sentir a alma suspirar, só acontece com quem se ama. Ouvir esse comentário de uma amiga que desabafava copiosamente suas dores após sair de um casamento conturbado, e por estar agora sozinha dentro da casa - cenário da relação - sentia o cheiro do amado entranhado até nas paredes. Cheiro é mesmo coisa traiçoeira; a relação acaba, mas aquele cheiro - íntimo das narinas - nunca mais irá sair, parece que foi tatuado na alma, e não importa se tudo acabou bem ou mal, o cheiro do fulano ou da cicrana continuará ali impregnado, sabe-se deus por quanto tempo. Pode-se viajar para Cochinchina, cruzar os setes mares, mas em algum momento esse cheiro irá dar o ar da graça, mesmo que não tenha mais graça alguma. Falo do cheiro de quem amamos, não de perfume, mesmo sabendo que este também tem lá sua força, e como tem!

O saudoso poeta Carlos Drummond de Andrade inicia um de seus mais belos poemas, o amor, dizendo que se conseguirmos, em pensamento, sentir o cheiro da pessoa, como se ela estivesse ao nosso lado, de certo isso é amor. O cheiro é a carteira de identidade da outra pessoa, é a marca eterna de quem, mesmo não existindo mais, continua ali na gaveta secreta do pensar. A jornalista e escritora Marta Medeiros também dá, poeticamente, uma boa definição do poder do cheiro quando diz que “Ama-se pelo cheiro, pelo mistério, pela paz que o outro lhe dá, ou pelo tormento que provoca.”

Pesquisas e mais pesquisas são realizadas em todo o mundo sobre o cheiro, tecnicamente falando, sobre os tais feromônios humanos, na tentativa de achar uma equação “sine qua non” que possa explicar exatamente como tudo isso funciona no ser humano, fico com uma explicação de Charles Wysocki, neurocientista comportamental do Centro dos Sentidos Químicos Monell, na Filadélfia, e autor de um relatório sobre os feromônios humanos. “A forma como os feromônios humanos funcionam ainda é totalmente questionável”, afirma o neurocientista.

Afirmações e interrogações à parte, esse tal cheiro que faz o tempo voltar e as lembranças reaquecerem-se deve ter nascido na alma, e quando chega ao coração assume papel de ator principal, trazendo ao espetáculo da vida algum – mesmo que bem íntimo – aplauso. Cheiro de que quem se ama então é a maneira mais suave e mais sublime de dizer o quanto já amamos e o quanto ainda podemos aprender com ele.

HERÓI

Daniel Benedito das Neves Paz

Comarca de Breves

Quando criança, minha brincadeira favorita era o “faz de conta” – internet nem existia, sequer, como vocábulo. Adorava me imaginar em lugares fantásticos habitados por seres fantásticos. A composição desse mundo – ou desses mundos, afinal, era um a cada dia – tinha várias referências: o que eu via na televisão; o que eu lia nos livros e histórias em quadrinhos; os meus sonhos; as histórias que os adultos me contavam e outras que meus amigos partilhavam.

Nesse contexto, geralmente eu tinha algum dom extraordinário. No meu mundo ideal, eu era herói. Sempre no lugar certo e na hora certa, ajudando as pessoas e ficando com a mocinha no final da história. Nunca nada dava errado; tudo sempre acabava bem. Os bandidos sempre iam presos e ninguém morria.

O que mais gostava era poder voar. Do alto, eu podia ver outro mundo. Podia ver todo o mundo. Engraçado perceber como, lá de cima, todos são iguais: uns pontinhos escuros que se mexem num mapa gigante. A vantagem de estar perto das nuvens, além da vista panorâmica, é o sossego. Como se solto no espaço, se fica mais relaxado, menos tenso, só o vento soprando suave pelo rosto e passando entre os dedos. O ar é mais limpo e tem menos barulho. Outra vantagem é o deslocamento rápido de um lugar para outro, porque, quando se voa, todos os caminhos são atalhos.

Nesse tempo, havia racionamento de energia elétrica. As pessoas diziam que era “4x4”, ou seja, quatro horas em um setor, quatro horas em outro setor, e assim iam revezando a energia ao

longo do dia. Geralmente, o meu lado da rua ficava sem energia das 20:00 às 00:00. Eu ficava com os meus amigos de vizinhança, sentado em frente a uma borracharia, localizada no lado iluminado da rua e, jogando conversa fora, não via o tempo passar. Quando me dava conta, já era meia-noite. Já tinha energia em casa, já podia ir dormir. Medo de bandido, de assalto? Nem um pouco. Medo mesmo eu tinha era do “Leão”, o cachorro bravo do meu vizinho, que, às vezes, fugia e avançava em cima dos outros. Na verdade, o bicho nem era tão grande e assustador, eu é que era pequeno mesmo.

Hoje, sem mais o racionamento, uma rua escura é sinônimo de perigo. Um grupo de amigos sentados à beira da calçada conversando? Estão contando os minutos para que o pior aconteça.... Hoje, eu tenho medo de gente – medo do bicho-homem que, mais do que nunca, parece ter virado o lobo de si próprio.

O que mudou? Será que na época do meu eu menino tinha menos gente por aí tentando fazer o mal? Ou será que, tomado pela inocência infantil peculiar da idade, não conseguia perceber tão bem a maldade do mundo? O que mudou, afinal: eu ou a cidade?

Os dois mudaram. Eu cresci, aprendi, melhorei (creio). Evolui em tamanho e pensamento. Já a cidade... Coitada da cidade. Não tem culpa se as pessoas que nela vivem (eu, inclusive) pecam contra a vida humana, seja por ação, seja por omissão. Por ação quando puxam o gatilho, quando dão a punhalada, quando são corruptas, quando fazem mau uso do dinheiro público. Por omissão, quando nada fazem de concreto para melhorar o cenário, quando se sentem impotentes para mudar as coisas e cruzam os braços diante do mundo. Precisa-se de um herói, de preferência, que saiba voar.

Eu, criança, acreditava que se todos conseguissem voar de verdade, seríamos mais felizes. Isso é impossível porque o homem só consegue voar com o auxílio de máquinas (pelo menos até o dia em que evoluirmos para algo com asas). Ser herói é mais fácil: basta ajudar o próximo sem esperar reconhecimento pessoal ou algo em troca. Isso eu ainda posso ser.

POEMA DO PERDÃO

Ricardo da Costa Daltro

Comarca de Paraupabas

Tudo vai
Tudo move
Tudo devolve
Tudo revolve
Tudo para
e gira
Tudo imagina
Tudo immortaliza

Tudo, tudo, tudo, tudo, mas quem disse que tudo é Tudo?
Tudo é também Nada e o nada tudo completa.
Então, pra que querer tudo se o tudo também é constituído do nada?

Há quem diga que o Nada é importante, e que todos o desejam:

Nada-morte
Nada-corte
Nada ignorância
Nada petulância
Hipocrisia... nada
Desventura... nada
Desesperança... nada
Tudo nada!

Há outros que desprezam o Nada, o vazio, a não existência das coisas. Exaltam o infinito:

Infinito amor
Infinito amar
Infinito mar
Infinito dar
Infinito doar-se
Infinito... tudo infindo!

Desejo o Tudo e o Nada, eles se completam, são dialéticos, imiscuem-se a ponto de um poder ser o outro sem que percam suas naturezas (o tudo de tudo e o nada de nada).

Assim sou... assim somos
Dias sou tudo
Noutros, nada
Dias eu faço alguém regozijar
Noutros faço um lindo ser chorar.
Em dias tudo erro
e nada em outros.
Não sou perfeito, espelho
Nem imperfeito, imagem distorcida

Sou só esse tudo, esse nada
Esse que errou e pede perdão.

VIVER

Elaine Neves de Oliveira
Comarca de Redenção

Quando tudo era tons de cinza, vivia como em transe,
esperando o próximo minuto, a próxima hora, o próximo dia, o
próximo ano.
Amanhecer. Anoitecer. Amanhecer.
Vivia?
Estava preparada para não desejar, não esperar, não ter.
Amanhecer. Anoitecer. Amanhecer.
Mas, não..
Não era seu destino escapar ilesa.
A ninguém é dado tal benefício.
O não sentir não é permitido.
Um dia a vida chega.
E traz o amor e a dor de mãos dadas.
Ah! Eles te arrancam da tua bolha lisérgica.
Te arrastam pelos cabelos.
Esfregam tua cara e tuas crenças no muro.
Vergam tua coluna, teus ideais, e esfolam teus joelhos.
Podia ser pior?
Todavia, quanta felicidade pode caber em um milésimo de
segundo?
Num olhar carinhoso, repleto de desinteressada admiração?!
Ou num abraço apertado, sôfrego de saudade do que não se viveu?
Esperar. Desejar. Decepcionar.
Viver dói. Amar dói.
E deixa sublimes lembranças.

GEO-FEMININA

Marcílio Marcelo Leão Santos
Comarca de Barcarena

Meu olhar corre feito compasso
Nas tuas tracejadas formas
Em cada ponto do teu corpo
Encontro a mediatriz da tua perfeição

Minha hipnose não precisa de uma
Euclidiana geometria
Pois fico estático na curvilinidade
Do teu corpo

A imperial escultura da tua beleza
Te faz geofeminina
Axioma da tua sensualidade!
Teorema da minha irresistível paixão

De qualquer ângulo me encantas
Faces multiplas da tua potente estratégia.
Levito em direção aos teus olhos
Me perco no aroma do teu cheiro.

Meu coração transferidor
É incapaz de medir
A imensidão do meu fascínio por ti

Mas, tenho a certeza
De sermos como duas retas concorrentes
Que se interceptando
Marcaram um ponto comum
Para sempre!

SONETO AO AMOR QUE SE FOI

Waldecy Philipe de Meneses Carvalho
Comarca de Altamira

Mas agora, para onde irei remar
Se a aurora não se deixa surgir
Enquanto a lua flertar com o mar
E a brisa noturna a ambos seduzir.

Do acaso, que leva ao porvir
À saudade que não deixa calar
Espero no tempo, um dia sorrir
Da lembrança perdida no olhar.

Nos seus braços me vi fenecer
Como um rio ao seu estuário
Percebi que não era um adeus

Pois ainda habitas os sonhos meus
Peço à vida que reescreva seu diário
Para de ti não mais me perder.

A LOUCURA

José Maria Silva
Comarca de Belém

Loucura é não mais poder
Te envolver
Em meus braços
E dos teus longos abraços
Não sentir aquele calor
De amor
Que me fazia e refazia
No mundo dos cansaços.

Loucura é sentir a sorrir
Tua boca na minha roçando
Nossas línguas beijando-se
Coroando esse
Louco sonho
Que tristonho acorda
E recorda
Que sonhado tinha.

É voar de galho em galho
Do cravo ao carvalho
E de falho o pouso
Cansado pausa
Tal qual passarinho
Sem ninho
Esse pensamento
A todo momento sem talho.

Esse pensamento
Que só pensa no sonho
Do passado
Coroado de juras
Que vãs foram feitas
E refeitas
Na tentativa furtiva
De sonhar acordado

Loucura
É buscar o infinito, finito
Na tua imagem
Que na paisagem se vê
E crer que nele te vejo
No desejo
De abraçar-me
E beijar-me
Na minha passagem.

Se amar
Na amargura é loucura
Um pensamento insano
Pois é paisano da delícia
Da carícia
Da tua presença...
Na minha sentença
Eu sou louco
Ah! Eu sou mil vezes louco
Mas te amo.

HEVEA BRASILIENSIS³

Marcos Eduardo Athias Rodrigues
Comarca de Santarém

Perseguido pela fome e pela seca
Fugiu o nordestino do sertão
Veio parar no meio da floresta
Que não lhe demonstrou compaixão.

Pinga, pinga, pinga
Balata na lata.

Pão e casa lhe deu o coronel da borracha
Em troca de suor, sangue e sua liberdade.
De dia sangra a seringueira
De noite sangra sua dignidade.

Pinga, pinga, pinga
Balata na lata.

Em Belém, o Teatro da Paz é testemunha,
Em Manaus, o Amazonas dá evidência,
Da Bela Época construída com borracha,
Porém de mármore a aparência.

Pinga, pinga, pinga
Balata na lata.

³ Nome científico da seringueira.

Henry Wickham⁴, em português é maldito,
Mas em inglês foi nomeado cavaleiro,
Levou daqui a valiosa semente
E a plantou em solo estrangeiro.

Pinga, pinga, pinga
Balata na lata.

O seringueiro sozinho ficou
Abandonado à própria sorte
Tendo a floresta como inimiga
Esperando a hora de sua morte.

Pinga, pinga, pinga
No copo a cachaça.

⁴ Henry Wickham foi o responsável por levar sementes da seringueira para o Reino Unido. Com as sementes, o governo britânico produziu mudas e as plantou em suas colônias no Sudeste Asiático. Essas colônias passaram a ser as principais fornecedoras de borracha para o mundo, acabando com o ciclo da borracha na Amazônia. Wickham foi nomeado cavaleiro pelo governo britânico.

PARADOXO

Lenne Chaves Pinto da Silva Torres

Comarca de Belém

Silêncio que fala
Barulho que cala
Encontro tardio
Caminho que se separa.

Quero ficar
Quero seguir
Quero entender
Quero fugir
Quero dormir...

Quero lembrar
Quero esquecer
Preciso aceitar
Preciso entender
Preciso acordar...

Mentira, verdade,
Chegada, partida,
Amor, ilusão,
Fantasia, Paixão.

Ficar é sofrer
Ir é sentir dor

Aceitar é fugir de mim.

O que fazer então,
se só sei viver assim?

ASAS DE 1922

Andreson Carlos Elias Barbosa

Comarca de Belém / Fórum Distrital de Icoaraci

O trem parte e giram os cata-ventos
É preciso avançar! - Já diziam as vanguardas
É preciso queimar o café e beber o suco antropofágico
Desenterrar os cadáveres e ouvir as histórias que eles têm para
contar.
É preciso retroceder
Olhar através do furo e descobrir a máquina mágica
Que faz a mente desvairada,
Escrever, reescrever, inventar, reinventar
É preciso rotacionar pois o tempo não para.
Deus, como eu queria ser apenas um vagalume,
Ou Pégaso, o passarinho feio,
E viciar-me no círculo vicioso de tuas letras.
Mas esmaga-me o peso de tua força
Literatura, comoção da minha vida!
Indústria que movimenta as engrenagens do meu cérebro,
Manivela que precisa ser gerada,
Ponto alavancador do universo.
Borboleta nipônica
Bateste tuas asas em 1922
E os teus ares ainda ressoam aqui
Nunca mais é o mesmo aquele que conhece teu voar.
Deixai que eles gritem!
Deixai que eles vãoem!
Que o abaporu os devore!

Que eles nos devore e regurgite mais modernos
Modernistas e cheios de modernidade.

TODAS AS MULHERES QUE PENSEI QUE AMEI SOZINHO

Julio Moreira da Silva

Comarca de Ananindeua

Todas as mulheres que pensei que amei sozinho
Devolviam-me o amor em sua exata proporção
E aqueles que comigo partilhavam do caminho
Certamente não sabiam de qualquer repartição

Todas as mulheres que pensei que amei sozinho
Não gastavam num só prato seu tempero e seu sabor
Dado eu por satisfeito na pimenta e no cominho
Nelas muito ainda restava que servisse a um provador

Todas as mulheres que pensei que amei sozinho
Com destreza e simpatia me faziam galardão
Davam provas de candura na visita ao nosso ninho
Sempre quente e adornado de insuspeita devoção

Todas as mulheres que pensei que amei sozinho
Esgueiravam-se do tempo e eram sábias na desculpa
Quando atrasos me tocavam e o ciúme era vizinho
Desdobravam-se afiadas com leveza e sem culpa

Todas as mulheres que pensei que amei sozinho
Preferiam o silêncio a viver de se gabar
E do garbo que tiravam as porções do seu carinho
Viam com indiferença o menor desconfiar

Todas as mulheres que pensei que amei sozinho
Tinham sempre a mesma chave para o sótão e o porão
Cofres nunca visitados por qualquer homem de brincho
Que da casa não repara além do teto e do seu chão

Todas as mulheres que pensei que amei sozinho
Eram muito mais honestas que qualquer moça pudica
Qual se enlaça por dinheiro, sobrenome ou colarinho
Mas que à porta da pobreza logo ao trono abdica

Todas as mulheres que pensei que amei sozinho
Funcionavam como lustres ou figuras de vitrais:
Isoladas eram quadros de murais em desalinho
Atuando em sintonia davam cores magistras

Todas as mulheres que pensei que amei sozinho
Escutando cada som em pagamento ao meu labor
Recebiam pacientes as canções vindas do pinho
Como trovas não tocadas por um outro cantador

Todas as mulheres que pensei que amei sozinho
Todas quantas me fizeram, sem riqueza, um fiador
Deram tantas garantias que a verdade era do vinho
Que em verdade delas fui, deveras, único no amor

MARINHEIRO EM DESPEDIDA

Marcílio Marcelo Leão Santos

Comarca de Barcarena

As águas deste mar me levarão
Para Cais distante
E já sinto meu coração navegando
No oceano da saudade

Meu navio cruzará noites
Meus sonhos cruzarão continentes
Para chegar até você

Do alto te vejo no Porto
Frágil, solta e inconformada
Minha figura é a do herói imbatível
Mas por dentro meu coração é vidro

Dói-me a distância das águas que me levam!
Sou comandante do mundo
Mas ser canoeiro no teu corpo é melhor!

Meu relógio girará dias
Meu coração sofrerá séculos
Pulsando pelo teu rosto
Batendo pelas tuas palavras
Chorando tua presença

Quero acenar pra você
Com a vontade de voltar
No segundo seguinte

Mar me leva pra saudade!
Mar me traz pra felicidade!

EXPEDIENTE

Edição

Departamento de Comunicação

Linomar Bahia, diretor

Coordenadoria de Imprensa

João Vital, coordenador

Departamento de Documentação e Informação

Pollyanna Pires, diretora

Edição de Arte

Airton Nascimento

Revisão

Laís Zumero

